



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

THAIS ALESSANDRA NUNES

**PEQUENOS GRUPOS (PGS): UMA ANÁLISE DO SISTEMA EM
CÉLULAS COMO MEIO PARA GERAR UMA IGREJA SAUDÁVEL,
COMPARANDO-O COM O MODELO ADOTADO NA IGREJA
ASSEMBLEIA DE DEUS DA PEDREIRA**

BELÉM-PARÁ
2014



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

THAIS ALESSANDRA NUNES

**PEQUENOS GRUPOS (PGS): UMA ANÁLISE DO SISTEMA EM
CÉLULAS COMO MEIO PARA GERAR UMA IGREJA SAUDÁVEL,
COMPARANDO-O COM O MODELO ADOTADO NA IGREJA
ASSEMBLEIA DE DEUS DA PEDREIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de Pós-Graduação em Teologia pela FATEBE/STBE-Faculdade Teológica Batista Equatorial.

Orientado pelo Prof. Me. Antônio Carlos Soares.

BELÉM-PARÁ
2014



**FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA EQUATORIAL
COORDENAÇÃO DE TEOLOGIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

THAIS ALESSANDRA NUNES

**PEQUENOS GRUPOS (PGS): UMA ANÁLISE DO SISTEMA EM
CÉLULAS COMO MEIO PARA GERAR UMA IGREJA SAUDÁVEL,
COMPARANDO-O COM O MODELO ADOTADO NA IGREJA
ASSEMBLEIA DE DEUS DA PEDREIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de Pós-Graduação em Teologia pela FATEBE/STBE-Faculdade Teológica Batista Equatorial, orientado pelo Prof. Me. Antônio Carlos Soares.

Banca Examinadora:

1. _____
Prof. Me. Antonio Carlos Soares - Orientador

2. _____
Prof.

3. _____
Prof.

Aprovado em: ____/ ____/ ____

Conceito: _____

AGRADECIMENTOS

A Ele que tem movido minha alma na ânsia de conhecê-Lo a cada dia mais, JESUS, minha maior inspiração.

Aos familiares, Mariléa Nunes (mãe), Ornélia Bastos (sogra), Jorge Bastos (esposos), Eduardo Wagner (irmão) e filhos Thalys Nunes e Jorge Bastos, pelas orações, incentivo, paciência e às vezes até “puxadas de orelha” sempre me fazendo lembrar dos prazos para cumprir esta empreitada.

Aos pastores Sebastião Castro, Edson Ribeiro e Antônio Sérgio por me permitirem vivenciar na prática a dinâmica de pequenos grupos na Assembleia de Deus da Pedreira.

Aos demais pastores, líderes e membros da Assembleia de Deus da Pedreira pela confiança em preencher os questionários que foram fundamentais para os resultados obtidos.

Ao Prof^o. Me. Antônio Carlos Soares, pela dedicação e entusiasmo com que orientou esta pesquisa.

E a todos do curso de especialização em Teologia da FATEBE e do Ministério Público do Pará que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender os processos empreendidos na implantação dos pequenos grupos na Igreja Assembleia de Deus da Pedreira em Belém do Pará, através de aplicação de questionários, a partir dos quais dá-se a análise dos dados comparando-os com os fundamentos e proposta dos pequenos grupos como meio de gerar saúde à igreja. Teve como objetivos específicos, compreender os princípios e métodos apresentados pelos diversos autores na implantação de igrejas em células e sua proposta original, conhecer o processo de implantação e desenvolvimento de células na AD Pedreira, bem como analisar se o que vem sendo adotado na AD Pedreira como sistema em células tem contribuído para o crescimento em qualidade de seus membros, visando identificar a eficácia metodológica utilizada. A metodologia adota contou com o *estudo de caso* e a *pesquisa bibliográfica* que foram determinantes para alcançar os resultados pretendidos. Na análise dos dados foi possível apreender que os pequenos grupos, se forem empreendidos paulatinamente e de acordo com os princípios que norteia a vida na comunidade cristã, é um instrumento para gerar à saúde da igreja, pois favorece entre outros elementos, o envolvimento e dinamismo dos membros conduzindo-os ao sacerdócio e pastoreio mútuo, conferindo à pesquisadora uma visão mais panorâmica e meticulosa acerca dos pequenos grupos.

Palavras chave – igreja, pequenos grupos, células, igreja saudável, comunidade cristã.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	A IGREJA DE CRISTO	8
2.1	A IGREJA SAUDÁVEL	12
2.2	OS PEQUENOS GRUPOS E A IGREJA	17
2.3	A ABORDAGEM DOS PEQUENOS GRUPOS	20
2.3.1	Igrejas com e em Pequenos Grupos	27
2.3.2	Implantação dos Pequenos Grupos	29
3	BREVE HISTÓRICO DA ASSEMBLEIA DE DEUS PEDREIRA E DA IMPLANTAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS	34
3.1	ASSEMBLEIA DE DEUS PEDREIRA	34
3.2	A IMPLANTAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS NA ASSEMBLEIA DE DEUS PEDREIRA	36
3.3	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	37
3.3.1	Informações sobre a pesquisa	37
3.3.2	Apresentação e Análise dos Dados	39
4	PERSPECTIVA DE UMA IGREJA EM PEQUENOS GRUPOS	57
4.1	ESTABELECENDO OS ALICERCES	59
4.2	MANTENDO A SAÚDE DA IGREJA EM PEQUENOS GRUPOS	68
4.3	UM OLHAR PARA O FUTURO	72
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	78
	APÊNDICE	80
	QUESTIONÁRIO PARA PASTORES E LÍDERES DA AD PEDREIRA	81
	QUESTIONÁRIO PARA MEMBROS DA AD PEDREIRA	83

1 INTRODUÇÃO

Jesus, ao declarar a Grande Comissão, descrita em Mateus 28.19 – “(...) *façam discípulos de todas as nações (...)*” –, enfatiza a necessidade e urgência em apresentar a mensagem de salvação a todos, a fim de que sejam discípulos de Cristo e que cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador¹.

Ao longo da história a Igreja, como corpo vivo de Cristo ou como instituição organizada, segue avante no cumprimento desta Grande Comissão. Nesta caminhada diversas formas e métodos são utilizados a fim de cumprir este labor. Dentre estes métodos, igrejas nos últimos 70 anos vêm adotando os Pequenos Grupos, doravante: PGs, em suas respectivas congregações, umas já nascendo com este método, outras sendo transformadas para este modelo. Ocorre que tem se percebido que os PGs estão sendo utilizados como estratégia de evangelismo para o crescimento da igreja, gerando na pesquisadora a indagação se PGs além de crescimento favorecem a saúde da igreja².

Nesta perspectiva, é que este trabalho tem como objetivo geral entender os processos empreendidos na implantação e manutenção dos pequenos grupos na Assembleia de Deus da Pedreira, doravante AD Pedreira, a partir de uma análise comparativa que toma como referência o modelo proposto pelo sistema em células³, especificamente com os seguintes desdobramentos:

- Compreender os princípios e métodos apresentados pelos diversos autores na implantação de igrejas em células e sua proposta original.
- Conhecer o processo de implantação e desenvolvimento de células na AD Pedreira.
- Analisar se o que vem sendo adotado na AD Pedreira como sistema em células tem contribuído para o crescimento em qualidade de seus membros, visando identificar a eficácia metodológica utilizada.

¹ II Pedro 3.18

² Serão apresentados alguns conceitos sobre igreja saudável, de acordo com os autores: Rick Warre, Mark Dave e Christian Schuwarz, porém inicialmente estaremos considerando o conceito do primeiro “uma congregação que reflete crescentemente o caráter de Deus, conforme ele é revelado em sua Palavra”

³ Neste trabalho as expressões Pequenos Grupos e células são intercambiáveis.

Justifica-se o presente trabalho pela relevância do tema dentro das igrejas evangélicas contemporâneas, bem como em virtude das experiências vividas pela pesquisadora ao liderar um PG no ano de 2010, momento em que deparou-se com as práticas dos PGs, surgindo indagações a respeito do assunto, na busca de uma melhor compreensão acerca da temática, sua origem, proposta, fundamentação bíblica e critérios, passando a ser uma das motivações para a realização deste estudo.

Metodologicamente este trabalho adotou o *estudo de caso* quanto ao procedimento da pesquisa, utilizando-se de entrevistas e aplicação de questionários e a partir destes, analisá-los com base na *pesquisa bibliográfica*. Munidos destes instrumentos metodológicos, pretende-se apresentar a proposta inicial do sistema em células nas igrejas, suas definições, características e critério de implementação e manutenção, expondo suas possibilidades de real eficácia, assim como as possíveis problemáticas em sua operacionalização enquanto ferramenta que conduz à saúde da igreja.

Está organizado em três capítulos intermediários entre esta introdução e as considerações finais. No segundo capítulo serão abordados temas acerca da Igreja de Cristo, e as reflexões acerca do entendimento de diversos autores sobre igreja saudável, bem como a relação desta com os Pequenos Grupos e suas abordagens. No terceiro capítulo será apresentado um breve histórico da Assembleia de Deus da Pedreira, a implantação dos PGs e o momento atual, bem como a análise dos dados do estudo de caso. E por fim, o quarto capítulo apresenta uma perspectiva para uma igreja em PGs, considerando seus alicerces, sua manutenção e um olhar para o futuro.

2 A IGREJA DE CRISTO

O projeto de Deus para a humanidade é para que todos sejam salvos⁴. A nova vida com Deus ocorre por meio da conversão, quando, convencido pelo Espírito Santo o homem reconhece seus pecados, sendo conduzido ao arrependimento e confessa Jesus, como o seu único e suficiente salvador. A partir de então esse indivíduo passa a fazer parte de uma nova família, a família de Deus, a Igreja⁵.

O termo igreja aparece pela primeira vez no evangelho segundo Mateus 16.18⁶, e em mais duas referências no mesmo evangelho. É bem verdade, que muitos apresentam várias interpretações sobre esse trecho, no entanto para esta pesquisa observa-se abaixo, o comentário da Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional acerca do verso em destaque:

“Pedro [...] pedra[...] igreja. No grego, “Pedro” é petros (“pedra separada”) e “pedra” é petra (“leito de rocha firme”). Várias interpretações têm sido dadas a essas palavras. A “rocha firme” (petra) em que a igreja está edificada é 1) Cristo, 2) a confissão de fé de Pedro em Jesus como Messias(v.16), 3) os ensinamentos de Cristo – uma das grandes tônicas de Mt, 4) o próprio Pedro, entendido sob o aspecto do papel desempenhado no dia de Pentecostes (At 2), no episódio com Cornélio (At 10) e na sua liderança entre os apóstolos.”

No contexto do verso de Mt 16.18, Jesus pergunta aos seus discípulos como as pessoas o conheciam, após os apóstolos responderem, Pedro declara: *“Tu és o Cristo, o Filho de Deus”*. Jesus então responde que esta afirmação foi dada pelo Pai a Pedro, então faz a célebre declaração *“sobre esta pedra eu edificarei a minha*

⁴ “Porque Deus Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele”(Jo.3.16-17) e “O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham arrepender-se”(2 Pe 3.9)

⁵ A igreja é a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos. Essa definição compreende que a igreja é feita de todos os verdadeiros salvos. Paulo afirma: “Cristo amou a igreja e entregou-se a si mesmo por ela”(Ef 5.25). Aqui o termo “a igreja” é usado para referir-se a todos aqueles pelos quais Cristo morreu para redimir, todos os salvos pela morte de Cristo. Isso, porém, inclui todos os verdadeiros cristãos de todos os tempos, tanto os salvos do Novo como os do Antigo Testamento. GRUDEN, Waine. **Teologia Sistemática**. Atual e exaustiva. São Paulo: Vida Nova, 1999, pág.715.

⁶ “E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do *Hades* não poderão vencê-la”. Bíblia de Estudo Nova Versão Internacional.

igreja”. Ou seja, a igreja tem o seu fundamento, sua origem em Cristo. Já o nascimento da igreja visível, muitos atribuem ao evento de pentecostes descrito em Atos 2.1-4.

A palavra “*Igreja*” - em grego *ekklesia*, tem dois significados e era usada com dois sentidos: “chamados para fora”, ou “aqueles que estavam reunidos”.⁷ *Ekklesia* é uma assembleia relacional com ênfase na mutualidade. O apóstolo Paulo destaca essa mutualidade respectivamente em 1 Coríntios 12.27 e Efésios 4.25b quando declara que somos corpo de Cristo, e que individualmente somos membros deste corpo, ou seja, membros uns dos outros⁸.

A mutualidade é destaque em diversas passagens no Novo Testamento, onde encontramos as expressões: “uns aos outros”; “encorajar uns aos outros”; “dedicar-se uns aos outros”; “aceitar-se uns aos outros”; “levar as cargas uns dos outros”; “sujeitar-se uns aos outros”; “ensinar e aconselhar uns aos outros”; “considerar uns aos outros”, etc.⁹

Portanto, a igreja é relacional, uma igreja que vive em comunidade, num relacionamento com Deus, em primeiro lugar e, a seguir, uns com os outros. Neighbour Júnior¹⁰, enfatiza que Cristo vive em comunidade com o Pai e o Filho, portanto a comunidade da trindade que deve ser compreendida e vivida pelos cristãos é aquela de que fomos formados pelo Espírito para vivermos em comunidade com outros, formando um corpo habitado por Cristo (1 Co 12.13)¹¹, e afirma “A comunidade da

⁷ Εκκλησια(ekklésia) de um composto de εκ(ek) ou εξ(eks) e um derivado de καλαμος(kalamos); um chamado para fora, i.e., (de modo concreto) uma reunião popular, de modo especial uma *congregação* religiosa (a sinagoga dos judeus, ou a comunidade dos cristãos formada pelos seus membros sobre a terra ou pelos seus santos no céu, ou ambos): - assembleia, igreja. (Bíblia de Estudo Palavras-Chave – Hebraico-Grego) pag.2176.

⁸ “Vós sois o corpo de Cristo e, individualmente, membros desse corpo” – “Por isso, abandonai a mentira, e cada um fale a verdade com seu próximo, pois somos membros uns dos outros”. [Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento – Luiz Alberto Teixeira Sayão.- São Paulo: Vida Nova, 2008.

⁹ Cf. Jo 13.34; Hb 10.25; Rm 12.10; Rm 15.7; Gl 6.2; Ef 5.2; Cl 3.16 e Fl 2.3 (Bíblia de Estudo NVI).

¹⁰ Dr. Ralph W. Neighbour Jr. é autor de muitos livros e manuais de capacitação associados ao movimento Igrejas em Células, com mais de 43 anos de experiência.

¹¹ “Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito”

trindade precisa ser encarnada por meio de uma comunidade especial encarnada por Cristo. Essa tarefa é da *ekklesia*¹².

No entanto, a igreja ao longo da história perdeu muito da sua essência, os seus princípios de vida em comunidade, passando a ênfase ao seu papel como organização, como estrutura e não como um corpo vivo de Cristo, enfrentou momentos de descrédito em várias épocas na história. Certa dualidade se observa desde o seu nascimento em Atos. Pois, assim como a palavra *ekklesia*, como dito anteriormente, tem dois significados, a igreja apresentou-se em muitos lugares e ocasiões da história, ao mesmo tempo como algoz agindo em nome de Deus, e em outro momento como a mais poderosa força em prol do bem sobre a face da terra. Neste sentido, Ray C. Stedman argumenta:

Como pode ser isto? Como é que a mesma instituição pode ser, a uma só vez, uma fonte de mágoas, desilusão e desespero para muitos, e uma fonte de alegria, vida e conforto sem fim para tantos outros? A resposta que a Bíblia nos dá é que aquilo que chamamos de igreja, na realidade, são duas igrejas. Ambas são religiosas, mas uma é egoísta, ávida de poder, cruel e diabólica. A outra é forte e divina, que ama e perdoa. Uma fomentou o ódio e levou a sociedade a conflitos sangrentos contínuos, tudo em nome de Deus e da religião. A outra tem curado males humanos, quebrado barreiras raciais e de classes e livrado homens e mulheres, em todos os lugares, do medo, da culpa, da vergonha e da ignorância. A última é a igreja verdadeira, iniciada por Jesus Cristo; é ela que manifesta um cristianismo autêntico. A outra é uma igreja falsa, uma organização satânica, um simulacro de cristianismo.¹³

Não obstante, o que Cristo deixou foi uma visão, um estilo de vida que aqui chamamos de cristianismo, e que esse cristianismo seria vivenciado por meio da Sua igreja na terra. Ocorre que a herança recebida pela igreja para se estruturar, teve como base os fundamentos do judaísmo, com ênfase no templo, no sábado, nos sacerdotes e no culto, todos alicerçados no Antigo Testamento. Talvez por não compreender o verdadeiro significado que Deus queria ensinar através destes pilares, a igreja experimentou os vários períodos de “*escuridão*”. Kivitz¹⁴ chama essas bases estruturantes da igreja de “*paradigmas*”, como demonstrado no quadro sinóptico abaixo:

¹² NEIGHBOURT, Ralph W. **Unidades básicas do corpo de Cristo**: vivendo a presença, o poder e os propósitos de Deus em comunidades bíblicas. [tradução Valdemar Kroker]. -Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2009, p. 26.

¹³ STEDMAN, Ray C. **Igreja corpo vivo de Cristo**. São Paulo-SP. Editora Mundo Cristão, 4ª Edição, 1994, p.7/8.

¹⁴ KIVTIZ, Ed René. **Quebrando paradigmas**. Editora Aba Press. São Paulo-SP, 2004, p. 54/56.

ESTRUTURA	VELHO TESTAMENTO	HOJE	NOVO TESTAMENTO
Atividade	Culto (Dt 12.11,12)	Culto	Todas (1 Co 10.31)
Dia	Sábado (Ex 20.8)	Domingo	Todos (Cl 2.16,17)
Local	Templo (2 Cr 7.12)	Templo	Todos (At 7.47-50)
Pessoas	Sacerdotes (Dt 18.1-8)	Pastores	Todas (1 Pe 2.9,10)

Fonte: Quadro elaborado por Ed René Kivitz

Compreende-se a partir desse autor que a igreja tornou os paradigmas com um fim, em si mesmo, e não o meio para Deus manifestar os seus propósitos na terra. Estes paradigmas precisam ser reinterpretados à luz do Novo Testamento, como comparado no quadro acima, assim, a igreja contemporânea poderá desfrutar de mais mobilidade e mutualidade. Esta é a igreja viva de Cristo, a qual oferece seu culto, em todos os lugares, em todos os dias, e que cada indivíduo exerce um sacerdócio, como Pedro declara em 1 Pe 2.5: "Também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo".

Paulo escrevendo aos efésios declara ainda:

Deus colocou todas as coisas debaixo de seus pés e o designou cabeça de todas as coisas para a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância¹⁵.

Portanto, vocês já não são mais estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular, no qual todo o edifício é ajustado e cresce para tornar-se um santuário santo no Senhor. Nele vocês também estão sendo edificados juntos, para se tornarem morada de Deus por seu Espírito¹⁶.

A igreja estabelecida por Cristo não é um edifício construído com blocos e cimento, é um edifício construído com pedras vivas. E essas pedras vivas são chamadas de santos e são membros da família de Deus. Essa é a igreja que recebeu imperativamente a ordem para revelar ao mundo a glória do caráter de Deus, como se acha na face de Jesus Cristo.

A igreja é um corpo vivo, fundamentada nos apóstolos e profetas, cuja pedra angular é Cristo. Assim conclui Ray C. Stedman: "Aí está o mistério sagrado da

¹⁵ Efésios 1.22-23.

¹⁶ Ibidem, 2:19-22.

igreja: ela é a morada de Deus. Ele vive em seu povo. Esta é a grande vocação da igreja: tornar visível o Cristo”.¹⁷

essa mesma direção caminha, Mark Daver¹⁸, ao declarar que a igreja não é um lugar, ponto de pregação ou um provedor espiritual, é um povo – o povo da nova aliança, comprado por sangue, o povo de Deus. E essa foi a razão por que Paulo disse: “Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela”¹⁹.

Portanto, mesmo na sua forma visível de se estruturar como ocorreu ao longo da sua existência, ou até mesmo redescobrimo uma liberdade estrutural característica do cristianismo primitivo, ou seja, utilizar-se das reuniões tanto nos templos quanto nas casas, ela nunca poderá perder esta essência, de que foi criada por Deus, como um povo para resplandecer a Sua glória até o dia em que Cristo vier buscar a sua noiva²⁰.

2.1 A IGREJA SAUDÁVEL

Nas últimas décadas e atualmente, tem ocorrido um verdadeiro desejo pelo crescimento das igrejas evangélicas, fazendo com que, por um lado, muitos autores estudem e pesquisem sobre o assunto, dentre estes, os que serviram de base para esta pesquisa. Inclusive alguns tentam encontrar uma pseudo-fórmula de sucesso, onde “igrejas-modelo” são imitadas trazendo certa preocupação quanto ao pragmatismo que isso pode causar. Por outro lado, Warren, em seu livro “Uma Igreja com propósitos”, diz o seguinte:

“A chave para as igrejas do século XXI será a saúde espiritual, não o crescimento (...) Se nos concentrarmos apenas no crescimento, estaremos nos desviando da verdadeira meta. Quando a igreja é saudável, ela cresce conforme Deus determinou. Igrejas saudáveis não necessitam de atrativos para crescer: elas crescem naturalmente”²¹.

¹⁷ STEDMAN, op. cit., p.17.

¹⁸ DEVER, Mark. **O que é uma Igreja Saudável?** Editora Fiel. São Paulo-SP, 2009, p.30.

¹⁹ Efésios 5.25

²⁰ Apocalipse 19.7 e 21.9.

²¹ WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos.** Editora Vida. 2.ed. rev. atual. São Paulo-SP, 2008, p.18.

Warren defende que o foco não deve estar no crescimento e sim na saúde da igreja. E, de acordo com sua experiência a frente da Igreja Saddleback²², entende que uma igreja orientada por propósitos: evangelismo, adoração, comunhão, discipulado e serviço, é uma igreja saudável.

Algo importante a ser considerado ainda por Warren, e que se observa na maioria das igrejas em células²³, é que a liderança dessas igrejas o líder é o mesmo por muito tempo e isso o autor evidenciou ao pesquisar igrejas com grande crescimento, e destaca:

[...] a maioria das *igrejas grandes e saudáveis* estava sob a direção de um mesmo pastor desde longa data. Encontrei dezenas de exemplos. Um ministério longo não garante que a igreja irá crescer, mas a mudança constante de pastor é a garantia de que ela não irá crescer²⁴.

Vale destacar ainda nesse sentido, que a maioria das igrejas em células, quando plantam novas igrejas estas seguem a direção e o governo da igreja de a deus origem. Depreende-se que isso se deve ao princípio bíblico de autoridade.

Outro fato interessante é o que observa Schwarz²⁵, quando afirma que todos os recursos para a edificação da igreja estão disponíveis por Deus, e que o nosso problema é não utilizar os meios que Deus nos dá, pois queremos utilizar as nossas forças na edificação da igreja do Senhor, a igreja que Cristo declarou que as portas do *Ades* não prevalecem sobre ela (Mt 16.18b). Portanto a igreja é do Senhor e ao Senhor precisamos recorrer para utilizarmos as ferramentas que vieram do próprio Deus para uso da sua igreja. Seguindo este mesmo entendimento, Robert Lay chama esses recursos disponíveis por Deus para a sua igreja de “sistema de força”, e os identifica como: os dons, a oração e a Palavra de Deus.

²² Igreja localizada em Lake Forest, Califórnia, situada no sul de Orange County, filiada à Convenção Batista do Sul. A igreja foi fundada em 1980 pelo pastor Rick Warren. Média de 20.000 pessoas que participam das reuniões semanais, atualmente é a sétima maior igreja nos Estados Unidos. (Em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://en.wikipedia.org/wiki/Saddleback_Church&prev=/search%3Fq%3DSaddleback%26espv%3D2%26biw%3D1280%26bih%3D660>. Acesso em: 08 de agosto de 2014).

²³ A igreja em células faz com que todas as atividades da igreja se encaixem em uma estrutura de células. Todas as demais atividades da igreja são organizadas em função das células”. NEIGHBOUR JR. Ralph W. Manual do Líder de Célula: Fundamentação espiritual e prática para líderes de células. Editora: Ministério Igreja em Células. Curitiba-PR, 2011, p.15.

* Grifo nosso.

²⁴ Ibid. p. 30.

²⁵ SCHWARZ, Christian A. **O Desenvolvimento Natural da Igreja**: guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das igrejas saudáveis. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2010, p. 9.

Muitos, no entanto tem buscado o crescimento de suas igrejas, sem considerar que este crescimento é o resultado de uma igreja sadia porque está ligada a Cristo e vivendo sob Sua obediência. Em suma, a igreja que cresce na perspectiva de Deus, é uma igreja saudável. E o que seria essa igreja saudável?

No capítulo 15, do evangelho de João, o autor apresenta a condição básica para a frutificação, estar ligado à *videira*: “*Eu sou a videira; vós sois os ramos. Quem permanece em mim e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer*”²⁶. Ou seja, o ramo que estiver ligado à videira será saudável e produzirá frutos naturalmente. Portanto, a igreja que depende de Cristo, em todas as suas atividades, pregação, missões, programas, etc., entende-se ser uma igreja saudável.

Segundo o princípio criador de Deus, de que tudo o que formou tem o seu potencial natural de reprodução segundo cada espécie, a igreja, como criação de Deus também pode se desenvolver por si mesma. A respeito desse princípio norteador, Schwarz defende.

A diferença entre o potencial natural e o crescimento que acontece em condições tanto de campo natural quanto em laboratório, é chamado de “resistência do ambiente”. O que interessa não é produzir crescimento e multiplicação, mas reduzir ao máximo a resistência do ambiente. Aí, sim, o crescimento acontece por si mesmo²⁷.

O que devemos fazer não é buscar o crescimento, pois a igreja já nasceu com a perspectiva de crescimento, e sim minimizar os obstáculos tanto internos e externos à igreja para que esse crescimento ocorra naturalmente. Essa é a igreja do Novo Testamento a qual deve ser seguida como modelo. Mas, a pergunta que se faz é: como viver os princípios e resultados que a igreja primitiva experimentou, nas igrejas do século XXI?

A saúde da igreja está relacionada à centralidade de Cristo, é engrandecer e viver em todos os seus aspectos a vida de Cristo. Contudo, considerando que todo corpo vivo e saudável produz movimentos, e que esses movimentos expressam a

²⁶ João 15.5

²⁷ SCHWARZ, Op. Cit. p. 12.

saúde do corpo. Neste sentido, os autores pesquisados, consideram algumas características ou marcas essenciais que devem expressar uma igreja saudável.

Schwarz²⁸ após uma pesquisa com mais de 50.000 igrejas em 70 países, defende que uma igreja saudável é aquela que consegue desenvolver as 08(oito) marcas de qualidade essenciais das igrejas saudáveis: Liderança capacitadora; Ministérios orientados pelos dons; Espiritualidade contagiante; Estruturas eficazes; Culto inspirador; Grupos pequenos; Evangelização orientada para as necessidades; e relacionamentos marcados pelo amor fraternal.

No entanto, esse autor observou em sua pesquisa que a multiplicação constante de pequenos grupos²⁹ ou células é um princípio universal de crescimento de igreja, bem como constatou como deve ser a vida desses PGs para que influenciem positivamente a qualidade e o crescimento da igreja, e destacou:

Grupos pequenos são o * lugar natural* em que cristãos aprendem a servir os outros participantes – membros ou não – do grupo com seus dons. A multiplicação planejada desses grupos é possível pela contínua formação de novos líderes como uma *consequência da vida do grupo*. No contexto dos grupos pequenos acontece aquilo que está por trás do conceito “discipulado”: * transferência de vida em vez de estudo de conceitos abstratos.^{30*}

Entende-se a partir desse autor que os pequenos grupos são considerados como fator principal de multiplicação, porém não é a prática exclusiva desse que leva ao crescimento saudável da igreja, e sim o conjunto das marcas essenciais de qualidade. A ideia é que a vida dos pequenos grupos gere novos líderes, e essa vida deve estar voltada à transferência da vida de Cristo aos seus membros, e a multiplicação será a consequência desse arranjo.

Porém, ainda na perspectiva deste autor um membro integrado a um pequeno grupo pode experimentar na prática 03 (três) marcas de qualidade essenciais das igrejas saudáveis como: o evangelismo, os relacionamentos marcados pelo amor e os ministérios orientados pelos dons. Entretanto não há um fator que por si só possa provocar o crescimento de uma igreja, mas sim a ação conjunta das 08(oito) marcas.

²⁸ Ibid, p. 3.

* Grifo nosso.

²⁹ Na perspectiva sociológica pode ocorrer entre grupos primários e secundários.

³⁰ Ibid, p.34.

Toda igreja que quiser crescer em qualidade e em quantidade precisa desenvolver todos os elementos.

Para Mark Dever uma igreja saudável é uma congregação que reflete crescentemente o caráter de Deus, conforme ele é revelado em sua Palavra³¹. Um povo que exerce o amor, a compaixão, o perdão, e nesta convivência se desenvolvem dons e habilidades, em vista de expressar o amor de Cristo àqueles que precisam ser alcançados pelo evangelho.

Na concepção de Dever existem 09(nove) marcas de uma igreja saudável, porém reconhece que não se constituem tudo a respeito de uma igreja, mas são marcas que podem distinguir uma igreja bíblica, correta e saudável. Divide-as como *essenciais* e *importantes*. Para ele as *essenciais* são: pregação expositiva; teologia bíblica e aquela que detém um entendimento bíblico das boas-novas. Já as que consideram *importantes* são: um entendimento bíblico da conversão; um entendimento bíblico da evangelização; um entendimento bíblico da membresia; disciplina bíblica na igreja; crescimento e discipulado bíblico e a liderança bíblica na igreja.

Por outro lado, Kivitz, considera que a saúde de uma comunidade cristã, está na proporção direta da qualidade de seus relacionamentos interpessoais³². Ou seja, na mutualidade entre os cristãos os relacionamentos vividos em sua plenitude com base nas Escrituras, trazem saúde para a igreja.

A saúde da igreja está relacionada à centralidade de Cristo, no entanto outros aspectos devem ser observados à luz das Escrituras. O discipulado deve ser uma máxima também para a saúde da igreja, em que cristãos são motivados a buscarem a semelhança do caráter de Cristo por meio das disciplinas espirituais como a oração, leitura da Palavra e o serviço.

³¹ DEVER, op. cit., p. 36.

³² KIVITZ, op. cit., p. 64.

Por trás de todos os aspectos observados em relação à saúde da igreja, existem 03 (três) princípios fundamentais do viver no corpo de Cristo que Watchman Nee³³ nomeia-os como: o princípio da sujeição; da comunhão e do serviço.

O primeiro princípio é estar em sujeição à autoridade da Cabeça, visto que a própria existência do Corpo, com suas funções e atividades variadas, depende da autoridade. O segundo princípio trata-se da comunhão, pois entre os Filhos de Deus a comunhão não é somente um fato, mas uma necessidade. Somada a essa ideia Dever³⁴ argumenta que alguns aspectos do caráter de Deus não serão conhecidos isoladamente. E o terceiro e último princípio refere-se ao serviço do Corpo, pois não devemos ser apenas os que consomem vidas, e sim aqueles que suprem vidas.

Portanto, além das características levantadas pelos diversos autores, presume-se que em todas elas esses três princípios também devem servir como parâmetro para saúde da igreja. Por fim, como foram abordados pelos autores características e marcas de uma igreja saudável, entende-se que uma igreja não considerada saudável é aquele que não consegue expressar pelo menos em parte do que os diversos autores apresentaram.

Em suma, todas as marcas, características, propósitos e princípios apresentados pelos autores são relevantes na busca de uma igreja saudável, porém depreende-se das palavras do Apóstolo Paulo à igreja de Corinto, que diz: *“Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem faz crescer”*, seja o que a igreja local utilizar como estratégia na busca de uma igreja saudável, deve compreender que o crescimento deve-se ao fato de Cristo ter a centralidade em tudo.

2.2 OS PEQUENOS GRUPOS E A IGREJA

A Organização das Nações Unidas (ONU) no estudo "Perspectivas de População Mundial" divulgou que a população atingiu mais de 7,2 bilhões de

³³ NEE, Watchman. **O corpo de Cristo, uma realidade.** tradução Francisco Nunes. – São Paulo: Editora dos Clássicos, 2004, p.. 111-117.

³⁴ DEVER, op. cit.

peças³⁵ e cerca de 2,8 bilhões são usuários de *internet*³⁶. Pessoas compartilhando conteúdos por meio das redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Badoo*, bem como através do *Youtube*, *Wikipédia* e *WhatsApp*, numa velocidade que impressiona. O ser humano que por natureza é um ser que precisa viver em sociedade cria mecanismos para fortalecer essa comunicação. Nesse sentido, as redes sociais têm despertado o interesse de seus usuários, e a cada dia mais tem crescido o número de adeptos.

No entanto, essa conectividade traz seus malefícios. Pessoas perdem o contato físico, a interação de forma concreta como se fazia anteriormente. Isso é algo a ser considerado, uma vez que o ser humano precisa viver em comunidade com base na pessoalidade e intimidade relacional. Mas o que tem a ver a era da Internet com o cristianismo?

O cristianismo derrubou fronteiras transnacionais para crescer como uma religião global num tempo em que nem se pensava em rede mundial de computadores. Cristo, além de realizar milagres no poder do Espírito, dedicou sua atenção formando sua primeira comunidade de 12 (doze) discípulos. Esses viveram com Jesus, ouviram Seus ensinamentos, acompanharam o *modus operandi* do líder cristão, um processo baseado em relacionamento. Em seguida, o pequeno grupo embrionário de discípulos se dividia em meio ao povo, durante a exposição da Palavra de Deus feita por Jesus para a formação de inúmeros outros pequenos grupos de reflexão sobre a mensagem apresentada.

Os discípulos se encarregaram de compartilhar a mensagem deixada por Cristo, passando por gerações e chegando até os dias de hoje. A estratégia utilizada pelos cristãos, chamados inicialmente como os “do caminho”, nos primeiros séculos do cristianismo era a vivência do evangelho juntos, o que incluía as refeições comuns, a ceia, a proclamação da mensagem nas casas, etc. Lucas, após descrever com mais detalhes a ascensão de Cristo no livro de Atos 2.46, narra: Todos os dias

³⁵ <disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,onu-populacao-mundial-e-de-72-bilhoes-de-pessoas,1042156,0.htm>; acessado em 10 de março de 2014>

³⁶ <disponível em: <http://www.worldometers.info/br/> acessado em 10 de março de 2014>

continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas *casas*³⁷, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração.

É evidente no livro de Atos a prática das reuniões nas casas, confirmadas por vários registros no Novo Testamento. No entanto vale destacar a narrativa de Lucas em Atos 5.42 quando diz: “Todos os dias estavam no templo e nas casas e não cansavam de ensinar e proclamar que Jesus é o Cristo”. O que estava ocorrendo à época era uma quebra de paradigmas, porque muitos buscavam a “presença” de Deus nos templos, Lucas então coloca as reuniões nas casas na mesma dimensão que aconteciam nos templos. Para os que perseguiram os cristãos isso era uma afronta ao sagrado.

A reunião de pequenos grupos de cristãos nas casas tornou-se uma marca na Igreja Primitiva, apesar de que biblicamente não se pode evidenciar que a compreensão de pequenos grupos hoje é a mesma utilizada pelos cristãos do primeiro século, no entanto esses contribuíram para a propagação das boas novas do evangelho. Portanto, assim como a *internet* tem sido responsável pela divulgação de informações num mundo globalizado, os *pequenos grupos* na igreja primitiva exerceram um importante papel para a expansão do cristianismo.

Neste contexto, os *pequenos grupos* aparecem como um retorno à vida, à autêntica comunidade espiritual com Cristo e com os outros, onde as pessoas têm a oportunidade de viver em profunda comunhão criada por Deus. Kivitz afirma: “pessoas precisam de Deus, e pessoas precisam de pessoas e nada supera a relação pessoa-pessoa”³⁸. A mutualidade pode ser vivida nos pequenos grupos onde os relacionamentos são fortalecidos por meio da expressão plena e não adulterada da vida em comunhão, numa época em que os relacionamentos pessoais e a intimidade têm perdido seu significado.

Portanto, um PG é o ambiente onde a *ekklesia* cumpri sua tarefa como organismo vivo favorecendo a qualidade dos relacionamentos cristãos, com base na mutualidade e assim refleti a imagem de Cristo.

* Grifo nosso.

³⁸ KIVITZ, op. cit., p.86.

2.3 ABORGADEM DOS PEQUENOS GRUPOS

Considerando que nas últimas décadas os pequenos grupos, também chamado de células têm sido redescobertos como instrumento de crescimento de igrejas ao redor mundo³⁹, e não só isso, mas como uma forma de trazer a maturidade cristã para seus membros, torna-se de fundamental importância, para a compreensão deste estudo, que seja evidenciado o fundamento, importância, necessidade, bem como algumas abordagens dos *pequenos grupos* na vida da igreja.

No evangelho de João 17, Jesus oferece uma manifestação viva de seu sentimento inspirado no ideal de Deus para seus filhos: “[...] *para que todos sejam um, assim como somos um*”. As evidências da Trindade e da encarnação são fortes. Autores como Bill Donahue & Russ Robinson⁴⁰ defendem que esta referência de João, pode ser a prova definitiva do argumento teológico a favor dos pequenos grupos. Jesus pede para que seus seguidores, imperfeitos, experimentem uma recompensa incrível em comunidade. Ele clama ao Pai para que eles tenham o mesmo nível de relacionamento que ele tem na Trindade. Nessa compreensão Donahue destaca:

“Para que sejam um, assim como somos um”. Quem tem alguma noção teológica do que Jesus está dizendo, certamente reconhece o poder avassalador dessa declaração. Jesus diz: “Eu quero que os seres humanos – por exemplo, esses homens em que eu investi minha vida – vivam o tipo de unidade que vivemos na Trindade”. A comunidade trina e una é a primeira comunidade. A divindade é o modelo de comunidade. Jesus acredita que ela é possível!⁴¹

Para o autor acima, vivenciar a dinâmica de pequeno grupo é viver a imagem de comunidade que Deus tem para a humanidade, e isso parte da compreensão de que o próprio Deus vive e opera em comunidade, a partir da Trindade, e de que fomos criados a imagem de Deus, nós também fomos criados em comunidade e para comunidade. Deus também é, em todos os sentidos da palavra, “um grupo”. Assim como o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm a capacidade de se relacionar e

³⁹ SCHWARZ, op. cit., p. 34 e COMISKEY, Joel. **Crescimento Explosivo da Igreja em Células: levando seu grupo a crescer e multiplicar**. 3.ed.Curitiba-PR. Ministério Igreja em Células, 2008, p.15.

⁴⁰ DONAHUE, Bill; ROBISON, Russ. **Edificando uma igreja de pequenos grupos**. Tradução Valdemar Kroker. Editora Vida. São Paulo-SP, 2003, p. 42/43.

⁴¹ Ibid, p.44

agir em concordância para o bem deles e de outros, partindo deste pressuposto pode se inferir que a divindade é o primeiro grupo pequeno. Portanto, Deus deseja que ao viver num pequeno grupo, possamos viver a comunidade vivida na Trindade.

Deus além de nos dar a dimensão da alma, o que nos diferencia das plantas, dos animais e de outros elementos criados ao formar os seres humanos, implantou em nós o seu DNA relacional⁴², o que Donahue e Robinson também chamam de “gene comunitário”, a capacidade e necessidade que o ser humano tem de se relacionar com o outro e ainda afirmam:

Paulo, o apóstolo dos gentios, explica por que toda sociedade reconhece essa paixão humana por relação com os outros. “Pois desde a criação do mundo os atributos invisíveis de Deus, seu eterno poder e sua natureza divina, têm sido vistos claramente, sendo compreendidos por meio das coisas criadas, de forma que tais homens são indesculpáveis” (Rm 1.20). Visto que parte dessa “natureza divina” é a pluralidade de Deus e seu próprio anseio por comunidade, o testemunho da criação de Deus deixa claro aos incrédulos que as pessoas precisam uma das outras.⁴³

Portanto, extrai-se que Deus é três e ao mesmo tempo um e que ao sermos criaturas de Deus, a Bíblia nos ensina que fomos criados nessa perspectiva comunitária, ou seja, temos fome pela vida em comunidade. A partir do próximo parágrafo passa-se a apresentar algumas definições e argumentações de alguns autores sobre pequenos grupos.

David Yonggi Cho⁴⁴, a partir de suas experiências na igreja do Evangelho Pleno (Full Gospel Central Church), que no início os chamou de “grupos familiares”, se encarregou de divulgar os princípios e métodos experimentados por ele na concepção de uma igreja cuja essência é pequenos grupos.

Comiskey compreende que Cho foi o introdutor do movimento de grupos pequenos no século XX e que as ideias e sugestões desse inundaram sua mente. Influência esta que se espalhou mundo a fora:

Desde que Cho deu início ao seu ministério de células no começo dos anos 70, muito outros pastores seguiram o seu exemplo. A Igreja do Evangelho

⁴² Ibid, p.35

⁴³ Ibid, p.35.

⁴⁴ Pastor, fundador da Igreja do Evangelho Pleno Yoido em Seul, na Coréia, a maior igreja do mundo, posição defendida por Joel Comiskey em seu livro “Crescimento Explosivo da Igreja em Células”.

Pleno Yoido tem influenciado direta ou indiretamente cada igreja em célula da atualidade. Por exemplo, os pastores das duas maiores e mais influentes igrejas em células na América Latina – César Castellanos da Missão Carismática Internacional em Bogotá, na Colômbia, e Sérgio Solórzano da Missão Cristã Elim em San Salvador, El Salvador – visitaram a igreja de Cho antes de dar início aos seus próprios ministérios em célula.⁴⁵

Os PGs são hoje um movimento muito forte no mundo evangélico. No oriente, David Yonggi Cho e no ocidente através de Ralph Neighbour Júnior, este após publicar o livro *Where Do We Go from Here?[E agora? Para onde vamos?]*, difundia em todos os continentes um novo paradigma para a organização eclesial, que ele denominava “igreja estruturada em células”.

Neighbour Jr. reconhece a ausência de um sólido entendimento teológico da existência dos PGs. No entanto, após uma longa experiência, o autor decide utilizar o termo “unidades básicas do corpo de Cristo”, em vez de “células” ou “comunidades cristãs de base” ou “grupos pequenos holísticos”.

Em outra abordagem, Araújo e Kornfield⁴⁶, caminham na mesma direção dos autores acima acerca da base bíblica para os pequenos grupos, no entanto acrescenta que Cristo foi um líder de pequenos grupos, começando pelos seus doze discípulos para ganhar as nações. Destaca ainda que só no Evangelho de Marcos, podem ser encontradas várias indicações da atuação de Jesus nas casas. Em Mc 1.29-34; 2.15 Jesus visitou e ministrou nas casas dos discípulos; ensinou e fez milagres nas casas (Mc 2.1-12; 3.20-34; 7.24-30 e 14.3-9); compartilhava instrução especial com os discípulos, em casa (Mc 7.17; 9.28; 9.33-37; 10.10-12; 14.17-25; 16.14-18), e além de ministrar mandou também seus discípulos fazerem o mesmo: Fez isto tanto com os doze (Mt 10.12-14) como também com os setenta (Lc 10.5-8). Ele claramente enxergou a casa como um lugar estratégico, um centro de ministério para o Reino de Deus.

Kivitz considera que pequenos grupos não é algo novo, existe desde a eternidade, passaram por Jetro e Moisés (Êxodo 18.1-27), se consolidando no período apostólico e chegando até a atualidade sem perder sua essência. Para esse autor existem inúmeras razões que confirmam os pequenos grupos como

⁴⁵ COMISKEY, 2008, p.27-8.

⁴⁶ ARAÚJO, Gedimar de. KORNFIELD, David. **Implantando Grupos Familiares**: manual para líderes. Arapongas, PR: Aleluia, 2013. p. 32/3.

instrumento necessário à saúde da comunidade cristã, e defende que o Novo Testamento mostra que a vida cristã é uma vida de relacionamentos e os pequenos grupos são a única estrutura eclesial capaz de possibilitar mutualidade e mobilização⁴⁷.

Há praticamente certa harmonia entre os autores acerca da fundamentação bíblica para existência dos pequenos grupos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. No entanto sua ênfase encontra-se na igreja primitiva por meio de diversas referências bíblicas que evidenciam que a igreja reunia-se nas casas, como no livro de Atos, bem como repetidas vezes, no final das cartas de Paulo, quando este manda saudações para uma ou outra igreja, como ocorre nas referências a abaixo:

Saúdem também a igreja que se reúne na *casa* deles. (Rm 16.5)
 As igrejas da província da Ásia enviam-lhes saudações. Áquila e Priscila os saúdam afetosamente no Senhor, e também *a igreja que se reúne na casa* deles.(1 Co 16.19)
 Saúdem os irmãos de Laodicéia, bem como Ninfa e *a igreja que se reúne em sua casa*.(Cl 4.15)
 À irmã Áfia, a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e *à igreja que se reúne com você em sua casa*. (Fm 1.2)

Em relação ao termo casa, vale destacar o entendimento que Neighbour Júnior traz em seu livro⁴⁸ acerca do significado da palavra *oikos* (ocupantes de uma casa, todas as pessoas que formam uma família, uma casa), como um grupo pequeno de pessoas que estão relacionadas, o suficiente para prestação de contas entre si e que não existem de maneira independente, e essas chamadas unidades básicas do corpo de Cristo ou PGs formam a unidade maior, a *ekklesia*. O autor entende ainda que, assim como o indivíduo sozinho não pode revelar a comunidade cristã, defende que tampouco pode um PG se separar de outro e funcionar de forma independente.

⁴⁷ KIVITZ, op, cit., p.58.

* Grifo nosso.

⁴⁸ NEIGHBOUR, Ralph W. **Unidades básicas do corpo de Cristo: vivendo a presença, o poder e os propósitos de Deus em comunidades bíblicas.** [Tradução Valdemar Kroker].-Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2009, p. 29.

Portanto a *ekklesia* é o corpo que Deus utiliza para alcançar as nações. Para Neighbour Júnior é a forma de cumprir Mateus 28.19-20⁴⁹, e isso só pode acontecer através das unidades básicas do corpo de Cristo, ou seja, através dos PGs. Para cumprir essa tarefa não se pode transmitir “tudo” o que um discípulo precisa apenas em um culto por semana, palestras e etc. Esse “tudo” será ensinado dia a dia através do relacionamento com outros membros do corpo. É nesse corpo, que Cristo declarou que iria ligar e desligar na terra o que é ligado no céu. Essa noiva se tornaria o tesouro mais precioso da trindade. Por meio de Cristo, ela conteria toda a plenitude da divindade, conforme Colossenses 2.9⁵⁰.

Ainda mais profunda é a compreensão sobre a formação das unidades básicas do corpo de Cristo, que para Neighbour Júnior é formada a partir do momento em que o Espírito Santo chama pessoas que têm rejeitado a Deus para que entrem na comunidade. Cristo habitando no homem. Neste sentido defende que existimos para que Cristo cumpra o seu plano por meio de nós e o seu plano consiste em que todos os que são “chamados para fora” sejam imediatamente habitados pela presença e poder de Cristo, e enfatiza:

Quando uma igreja organizada não compreende isso, ela forma uma organização, não a *ekklesia*. Há uma diferença abissal entre unidades básicas do corpo de Cristo produzidas por Deus e estruturas de igreja produzidas pelo homem. As unidades básicas do corpo de Cristo são as comunidades de base de Deus. Elas se agrupam para criar o corpo maior. É aqui que a nossa compreensão está equivocada: o corpo maior não vêm primeiro (Por acaso é a casa que forma os tijolos?). Cada pessoa “chamada para fora” está destinada a ser batizada numa comunidade bíblica⁵¹.

Neighbour Júnior compreende que Cristo cumpre a sua tarefa final ao habitar na sua nova casa, a *ekklesia*, e esta existe para a continuação da atividade de Cristo entre os homens. Viver num PG é viver como *ekklesia*. E esta deve existir para continuar a obra de Cristo na terra, mas isso só será possível se Cristo dirigir a vida da igreja na terra.

⁴⁹ “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

⁵⁰ “Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade”.

⁵¹ NEIGHBOUR, 2009, p. 209.

Sobre a importância dos PGs, Kornfield⁵² considera-os como o alicerce para o crescimento da Igreja, evangelizando novas pessoas, integrando-as, e tornando-as líderes que, também, irão evangelizar e discipular outras pessoas. Defende ainda, por sua experiência na Segunda Igreja Presbiteriana de Vitória no Espírito Santo, que os pequenos grupos, por ele chamado de grupos familiares proporcionam crescimento de três formas: crescimento qualitativo, quantitativo e orgânico, e os define como:

- Crescimento Qualitativo: aprofundando os relacionamentos, a participação e a maturidade individual e coletiva da Igreja.
- Crescimento Quantitativo: acrescentando o número de membros, congregados, grupos familiares e equipes de ministério.
- Crescimento Orgânico: desenvolvendo as estruturas da igreja, os odres, que permitem um maior crescimento qualitativo e quantitativo.

A partir da compreensão de que pequenos grupos fundamentam-se em um ideário de Deus clarificado por meio das Escrituras, e que este tendo a centralidade em Cristo pode proporcionar um crescimento saudável para a igreja, apresenta-se a seguir o *modus operandi* dos pequenos grupos para alguns autores.

Paschoal Piragine Júnior⁵³, considera que os pequenos grupos ou células são a estrutura básica do crescimento integral da igreja⁵⁴, é o lugar mais adequado para promover os valores e condutas no meio do povo de Deus. Por meio de sua experiência a frente de uma igreja com mais de 3.900 membros se sentiu incapaz de pastorear esse rebanho sozinho, porém reconheceu que o pastoreio aconteceria por cada salvo exercendo seu sacerdócio, conforme descreve:

Embora eu sempre tivesse acreditado na doutrina bíblica do sacerdócio universal de todos os salvos, a questão era a implementação no dia-a-dia

⁵² ARAÚJO; KORNFIELD, 2013, p.51.

⁵³ PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. Pastor Presidente da Primeira Igreja Batista de Curitiba, palestrante e conferencista nacional e internacional, autor de diversos livros. Pastoreia a Primeira Igreja Batista de Curitiba desde 1988, a maior Igreja Batista do Sul do Brasil, hoje com 6306 membros.

⁵⁴ A partir das publicações do autor Orlando C. Costa, acerca do crescimento integral da igreja, Piragine Jr. considera que este crescimento ocorre naturalmente, e que ele precisa ser compreendido em todos os níveis e dimensões da vida da igreja. Considera ainda que os escritos de Costa atribuíam três qualidades ao crescimento integral: espiritualidade, encarnação e fidelidade e que estas estão relacionadas a um modelo de dimensões de crescimento, que são: numérica, orgânica, conceitual, diaconal e litúrgica. PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. Crescimento integral da igreja: uma visão de crescimento em múltiplas dimensões. São Paulo-SP: Editora Vida, 2006, p. 33-34.

da igreja. As estruturas menores surgiram como forma de tornar viável a dinâmica e os valores da integralidade da igreja⁵⁵.

Para o autor existem algumas razões que o levam a considerar os pequenos grupos como opção ideal para a estrutura básica de implementação do crescimento integral na vida da igreja, como:

- Pastoreio mútuo – os membros são motivados pelo Espírito Santo a cuidar uns dos outros no temor do Senhor.
- Comunhão – o membro sente-se parte efetiva do corpo e a palavra “irmão” passa a ter um sentido mais profundo. Pois só se tem comunhão com quem se relaciona, e dificilmente um relacionamento é fortalecido por meio de um encontro aos domingos.
- Mutualidade – uma das virtudes da convivência em célula é envolver todos no serviço por meio da mutualidade. Deixamos de ser assistentes dos cultos ou ouvintes da Palavra para sermos participantes da vida e do serviço no corpo.
- Multiplicação de liderança – em vista do amadurecimento dos líderes por meio de treinamento constante.
- Evangelização – é no contexto da família, do lar e da casa que a Palavra é pregada.
- Discipulado – quando um dos membros da célula assume a paternidade espiritual do novo convertido e não apenas ensina doutrinas cristãs; ajuda o novo convertido a colocar essas doutrinas em prática.

O autor considera ainda que os pequenos grupos, por ele também denominados de células, devem fazer parte da estrutura fundamental eclesial, porém adverte que se for frequentada por poucos membros, elas correm o risco de perder seu impacto e ainda alerta:

Isso não quer dizer que a maior parte da congregação vai participar, mas significa que o padrão ideal para a igreja, compartilhado pela liderança responsável, é o centrado em pequenos grupos⁵⁶.

Muitos líderes têm sido convencidos de que pequenos grupos é o modelo de gestão eclesial ideal para o século XXI, no entanto temem que esse “jeito” de ser igreja conflite com sua igreja tradicional, acerca desse assunto Snyder elucida:

⁵⁵ Ibid, p. 133-34

⁵⁶ Ibid, p. 146-47.

O pequeno grupo é adaptável à igreja institucional. O pequeno grupo não requer a derrubada da igreja organizada. É possível introduzir pequenos grupos sem se descartar ou abalar a igreja. Porém, se a incorporação dos grupos nos lares e dos grupos-células ao ministério global da igreja for realizada com seriedade, alguns ajustes serão necessários e, mais cedo ou mais tarde, haverá discussões sobre prioridades. O pequeno grupo deve ser visto como um componente essencial da estrutura e do ministério da igreja e não como seu substituto⁵⁷.

A experiência da Igreja Willow Creek em Chicago, narrada por Donahue e Robinson, exemplifica a afirmativa de Snyder, de que igrejas tradicionais podem vivenciar a vida em comunidade por meio de pequenos grupos. A igreja estava estruturada em vários ministérios, no entanto com 20 anos de existência enfrentou uma crise por considerar que seus membros estavam tendo dificuldade de fazer da igreja parte de sua vida e de se tornar parte delas próprias da vida da igreja. A partir de 1992 a Igreja Willow Creek declarou que seria uma igreja em que ninguém ficaria sozinho, a partir de então começou a transição de uma igreja em que os grupos pequenos eram opcionais, para uma igreja em que os grupos pequenos definiriam a estratégia organizacional básica⁵⁸.

Na busca de edificar uma igreja tradicional em pequenos grupos Donahue e Robinson dizem que precisa-se reconstruir uma comunidade bíblica, teológica e saudável, sendo necessário estudar, pensar e planejar formas para as pessoas de tornarem espiritualmente maduras por meio de relacionamentos que transformam. Para isso mostram em sua obra algumas evidências organizacionais como prova de que as congregações devem deixar de ser igrejas *com* pequenos grupos para igrejas *de* pequenos.

2.3.1 Igrejas *com* e *em* Pequenos Grupos

Vale mencionar uma definição de igreja *em* células ou igrejas *com células* na compreensão de Joel Comiskey: Na terminologia do dia a dia, é simplesmente uma igreja que colocou os grupos pequenos de evangelismo no centro do seu ministério. O ministério de células não é mais um programa; é o coração da igreja⁵⁹.

⁵⁷ SNYDER, 1997, p. 173-4 *apud* PASCHOAL, 2006, p. 146.

⁵⁸ DONAHUE; ROBISON, 2003, p. 17-19.

⁵⁹ COMISKEY, 2008, p.19.

No entendimento de Comiskey o foco principal das células é o evangelismo e multiplicação. O que difere de todos os autores pesquisados, dentre eles Danahue e Robinson, que apesar de defenderem uma igreja em pequenos grupos, compreendem que a dinâmica de pequenos grupos vai além do critério evangelismo e multiplicação. Pois, após estudarem a igreja de Atos 2 e observarem os pequenos grupos na Willow Creek e outras igrejas, consideram e expõem detalhadamente alguns componentes fundamentais na edificação de uma igreja de pequenos grupos, como:

- Os grupos pequenos fundamentam-se em relacionamentos autênticos;
- Os grupos pequenos são ambientes em que a verdade se encontra com a vida;
- Os grupos pequenos vivem conflitos saudáveis;
- Os grupos pequenos proporcionam pastorado bem equilibrado, em que as pessoas recebem cuidados e são disciplinadas.⁶⁰

Além de considerar esses quatro princípios essenciais na edificação de uma igreja em grupos pequenos, os autores ainda enfatizam que antes de se iniciar os grupos pequenos deve-se criar uma estrutura de liderança capaz de sustentar esses grupos, pois o ministério de grupos pequenos de uma igreja cresce e decresce de forma diretamente proporcional à qualidade dos líderes. E esse recrutamento inicia a partir de uma visão clara da vida de pequenos grupos e deve-se incentivá-los a considerar o novo papel – ser líder de pequeno grupo.

Uma igreja em PGs precisará como nenhuma outra de uma estrutura de formação de liderança. A liderança é a chave para construir uma igreja de pequenos grupos e esses precisam receber o apoio da igreja, sendo esses que abraçam os valores e a visão da igreja e transmitem uma mensagem comum e coerente para a congregação. Este apoio, segundo Danahue entende que deve existir por meio da oração, de eventos que proporcionam capacitação e comunhão.

Portanto, considerando que os pequenos grupos são estruturados para que os membros façam parte da vida da igreja e que a igreja também faça parte da vida destes, bem como para que a liderança acompanhe a dinâmica dos PGs, depreende-se a partir dos autores pesquisados que igrejas *com* pequenos grupos,

⁶⁰ DONAHUE; ROBISON, 2003, p. 81.

vivem como se este fosse mais um ministério dentro da igreja, e igrejas *em* pequenos grupos toda a estrutura e funcionamento da igreja envolve os PGs, ou seja, a espinha dorsal da igreja são os PGs.

2.3.2 Abordagens sobre Implantação de Pequenos Grupos

Construir uma igreja de pequenos grupos é uma aventura repleta de tensão. Destaca-se aqui, principalmente quando se trata de uma igreja tradicional que está em transição para uma igreja de pequenos grupos. Por isso a ideia de Donahue e Robinson é diminuir essa tensão entre a visão e a realidade dos pequenos grupos. Esses autores reconhecem o caminho longo de uma transição de uma igreja com pequenos grupos, para uma igreja de pequenos grupos, mas afirmam que será necessário percorrer vários estágios um tanto previsíveis, antes de “ir a público” com os pequenos grupos, e sugerem as seguintes fases:

- A fase do grupo-modelo/grupo-turbo: grupos liderados preferencialmente pelo pastor titular e/ou líder principal da igreja e que devem experimentar o seu próprio crescimento na comunidade e descobrir junto com o grupo como um grupo pequeno deve funcionar;

Acerca dessa fase os autores alertam:

Quando a igreja está dando passos para se tornar uma igreja de pequenos grupos, frequentemente faz tentativas com vários modelos estruturais de pequenos grupos, como o modelo das células, o modelo “meta”, ou mesmo o exemplo de uma igreja reconhecida como bem-sucedida. Mas, como Shakespeare aconselha: “Sê verdadeiro com o teu próprio eu”. Cada igreja precisa adaptar os modelos a seu contexto⁶¹.

- A fase do grupo-piloto: após estabelecer firmemente valores básicos e esclarecer o modelo de desenvolvimento de grupos pequenos, nesta fase, inicia-se um número limitado de grupos pequenos que durem apenas nove a doze meses, assim cada uma terá a oportunidade de fazer um intervalo, para avaliação e revisão do processo.

Sobre a segunda fase os autores contam sua experiência:

⁶¹ Ibid, p. 281.

A Willow Creek começou com grupos-piloto em nossos ministérios de casais e solteiros. Essa fase de tentativa e erro nos permitiu ver como os grupos pequenos funcionavam no contexto da nossa igreja local. Você deve dar o mesmo passo. Nesse ponto, convidar todos da igreja para unir-se ao grupo pequeno pode ser desastroso. A maioria das igrejas não está preparada para interligar as massas em grupo. Você precisa da fase dos grupos-piloto para ter certeza de que os líderes estão bem treinados e estão funcionando como o esperado⁶².

- A fase de começar com os grupos: após a modelagem de valores durante a fase do grupo-modelo (ou grupos-turbo), e ainda após experimentar novos grupos na fase do grupo-piloto, agora é a fase de introduzir os grupos, ou seja, a fase final antes de ir a público, onde pessoas interessadas têm a permissão para desenvolver grupos pequenos.

Em relação a essa fase os autores mais uma vez relatam sua experiência:

Durante a fase da introdução de grupos, você vai precisar de uma estratégia de treinamento para que os grupos e líderes emergentes aprendam mais habilidades. Vai precisar de reuniões e um retiro anual. Mas ainda não é tempo de ir ao público. É cedo demais para a exortação semanal do púlpito para participar de grupos pequenos, porque sua estrutura ainda não está preparada para a possível reação.

- Indo a público: nessa fase final a ideia é que todos os envolvidos estejam mais maduros e que tenham líderes e grupos eficientes para assimilar um grande número de membros da igreja em grupos pequenos. Os autores não precisam a quantidade de grupos ou líderes são suficientes antes de ir ao público, mas aconselham não ignorar o aspecto do preparo.

Os autores ainda advertem o cuidado que se deve tomar ao anunciar publicamente à igreja, que todos os membros devem participar de grupos pequenos, antes que os sistemas, o treinamento e os líderes estejam no seu devido lugar⁶³. Por fim, considerando que a igreja, é um corpo vivo de pessoas, e que por se tratar da complexidade do ser humano como ser social, entende-se a dificuldade que o líder da igreja local terá que enfrentar na implantação dos pequenos grupos, ainda que siga todas as fases propostas pelos autores acima, uma coisa é certa, utilizando-se

⁶² Ibid, p. 284.

⁶³ Ibid, p. 289

das palavras dos autores: “a vida do líder nunca mais será a mesma e que sem dúvida nenhuma o ministério irá progredir”.

Outra abordagem sobre implantação de pequenos grupos, não tão diferente da anterior, é a que apresenta David Kornfield e Gedimar Araújo. Estes defendem a existência de 03(três) tipos de grupos familiares: híbrido, pastoral e evangelístico, e ainda considera outros 03(três) grupos: de discipulado, de apoio ou restauração para pessoas feridas e grupos de ministério. Defendem a existência de tipos de grupos, pelo que segue abaixo:

Uma igreja equilibrada e madura precisa de todos estes tipos de grupos. Não devemos pensar que, simplesmente, grupos familiares vão resolver todos os problemas e necessidades da igreja. Precisamos ter “Uma Visão Panorâmica da Igreja Saudável”.⁶⁴

A citação acima leva a considerar que mesmo que a igreja caminhe para uma estrutura básica em PGs, a liderança deve considerar a diversidade de seus membros respeitando seus dons, habilidades e afinidades, a fim de que estes compreendam os PGs como um instrumento que possibilita a mutualidade e mobilidade.

Quanto à implantação dos grupos familiares, esses autores ainda consideram que deve-se seguir alguns passos. O primeiro será a participação de um treinamento sobre a temática que o pastor e alguns líderes devem fazer ou ainda se isso não for possível os autores sugerem o estudo de parte do livro “Implantando Grupos Familiares”. O segundo passo é a seleção de líderes, que o pastor conhece bem e que possuam algumas qualidades como: pastorear bem, evangelizar, integrar, disponibilidade, fidelidade, liderança e a capacidade de ser ensinável, pois estes além de liderarem grupos familiares piloto, deverão ser capazes de preparar outros líderes para o ministério.

Na sequência os autores ainda indicam a ênfase nos treinamentos e encontros semanais com a utilização de materiais específicos para multiplicação do grupo-piloto, conforme ilustra a tabela a seguir:

⁶⁴ ARAÚJO; KORNFIELD, 2013, p.47.

1. Primeiro grupo piloto com os pastores (8-12 pessoas)	2. Desenvolvendo sentido de equipe	3. Treinamento	4. Multiplicação
Fevereiro a março	Encontros administrativos mensais	Fim de semana	Julho
Usando o <i>Começando Grupos Familiares Pastorais</i> e depois <i>Desenvolvendo Relacionamentos Comprometidos e Saudáveis</i>	Mini-retiros de 4 horas sábado de manhã	Usando o manual <i>"Implantando Grupos Familiares"</i>	Usando <i>Começando Grupos Familiares</i> e depois <i>Desenvolvendo Grupos Familiares</i> .

Fonte: Quadro elaborado por Araújo e Kornfield⁶⁵.

É destaque nessa metodologia de implantação a preocupação em atender a todos os membros de uma congregação que deseja migrar para uma igreja em pequenos grupos ou células, porém constata-se certa complexidade quanto ao gerenciamento desses diversos tipos de grupos.

Outra abordagem quanto à forma de implantação de PG(s) é a apresentada por Neighbour Júnior. Em sua concepção existem duas formas de estruturar uma igreja em células. A primeira ocorre quando houver cinco ou mais células na mesma área geográfica, a partir dessas pode se constituir uma congregação, para reuniões de celebração, exercício de ministérios, treinamento, etc. A segunda forma seria pela transição, ou seja, passar de uma igreja com grupos pequenos para uma igreja de grupos pequenos. Neste sentido, atualmente o Ministério Igreja em Células de Curitiba, liderado pelo Pastor Robert Lay⁶⁶, tem difundido por todo o país apresentando, esclarecendo e resgatando essa forma de conduzir a igreja, utilizando-se das concepções de Neighbour Júnior e outros autores a fim de prover recursos para a implantação ou transição de igrejas em células.

O autor Steve Gladen⁶⁷, ao relatar suas experiências frente à Igreja Sableback, na Califórnia, descreve a importância e relevância dos pequenos grupos em sua obra, enfatiza que quando a igreja começou não tinham templos para suas reuniões de celebração e essas ocorriam em escolas ou em outros espaços que conseguiam. Steve defende que o início dos pequenos grupos está totalmente

⁶⁵ Idem, p. 108.

⁶⁶ Disponível em: < http://www.celulas.com.br/o_que_e.php>, acesso em 27 de outubro de 2014.

⁶⁷ GLADEN, Steve. **Pequenos grupos com propósitos**: como criar comunidades saudáveis. 1.ed. Brasília-DF: Palavra, 2012, p. 56/57.

vinculado a uma visão estabelecida pelo líder da igreja, a qual deve ser compartilhada de forma consciente e frequente à congregação.

Em suma, diversos são os métodos e estratégias para a implantação de uma igreja em pequenos grupos, porém todos os pesquisados consideram que os princípios que norteiam a vida em comunidade devem ser os primeiros passos a serem estabelecidos e compartilhados veementemente na congregação, e a partir destes princípios realmente estruturados passasse a seleção do método que a igreja irá seguir, contextualizando-o a igreja local.

3 BREVE HISTÓRICO DA AD PEDREIRA E A IMPLANTAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS

3.1 ASSEMBLEIA DE DEUS PEDREIRA

A AD Pedreira é um dos templos vinculados à igreja-mãe das Assembleias de Deus em Belém localizada na Avenida Pedro Miranda, nº 1171 no bairro da Pedreira – Belém/PA. Observou-se a inexistência de registros históricos da AD Pedreira, por esse motivo, a maioria das informações coletadas foram obtidas através de entrevistas valiosas de alguns membros que ali congregam há mais de 40 anos.

Considerando o vínculo da AD Pedreira com a igreja-mãe, e, por não encontrar detalhadamente a missão da igreja, bem como a estrutura organizacional em nenhum registro, nem nas entrevistas realizadas com alguns membros mais antigos, entende-se necessário citar o ideário da igreja-mãe em Belém, conforme abaixo:

A Assembleia de Deus possui hoje em Belém 100 mil membros, mais de 400 templos e quase 700 pastores, além de manter 31 missionários em outros países. A igreja tem sua missão claramente definida: “Cheios do Espírito Santo, cumprimos nossa missão bíblica de Adoração a Deus, Comunhão com os irmãos, Evangelização dos povos, Discipulado dos salvos, Vigilância e Oração até Jesus voltar”.

Desde 1997 a Assembleia de Deus em Belém tem como líder o Pastor Samuel Câmara, que preside a diretoria da igreja. A organização dos trabalhos em Belém é feita através de 34 coordenações, que abrangem todos os templos da cidade. A igreja possui Conselho Fiscal constituído, bem como assessorias nas áreas jurídica, administrativa, social, eventos e comunicação. A Assembleia de Deus também desenvolve programas sociais como forma de demonstrar o amor de Deus para todos os homens. A igreja conta ainda com a Rede Boas Novas de Comunicação para divulgar a mensagem do evangelho através dos meios de comunicação de massa, cumprindo a Grande Comissão deixada por Cristo à sua igreja.⁶⁸

A fundação da AD Pedreira ocorreu no período em que o Pr. Nels Julius Nelson (1930-1950) esteve presidindo a igreja em Belém, ficando por 20 anos a frente da direção, e contava com a ajuda e apoio de alguns irmãos. No início, as Assembleias de Deus chamavam-se Casas de Oração e, nesse período, as primeiras casas de oração fundadas foram no bairro da Pedreira, Marco e Guamá.

⁶⁸ Disponível em: <http://www.adbelem.org.br/index.php?Itemid=118&id=53&option=com_content&view=article> acesso em 12 de junho 2014.

A data oficial de fundação de inauguração da AD Pedreira como congregação ocorreu em 30 de outubro de 1931. Porém, existe uma edição dos 90 anos da história da igreja que diz ser no ano de 1936 a construção do templo da Pedreira. No entanto, considera-se que a fundação ocorreu em 1931 e o 1º templo inaugurado em 1936, cujo dirigente na época foi o Sr. José Plácido da Costa.

Grande foi o avanço da obra durante o período de 1930-1950, cujo pastorado esteve sob a direção do Pr. Nels Julius Nelson. No ano de 1932 foram 144 batizados nas águas e 200 batizados no Espírito Santo⁶⁹ em Belém, um número significativo para a época, muitos desses registros constavam no relatório da congregação.

Em meados dos anos 70, iniciou-se a construção do novo templo da Pedreira. Nessa época o Pr. Firmino Gouveia havia constituído uma comissão para reformas e construção de novos templos, a Secretaria de Obras, responsável pelos projetos, cálculos e orçamentos, tendo à frente o Sr. Jonas Soares Valente. No final dessa década e início dos anos 80, passaram como dirigentes da AD Pedreira inúmeros obreiros. A igreja também se destacava porque enviava muitos obreiros para o campo missionário. E, desde 1999, a igreja vem sendo conduzida pelo pastor Sebastião Castro por ordem do Pastor Presidente das Assembleias de Deus em Belém, Samuel Câmara.

No período pré-implantação de pequenos grupos, a estrutura organizacional era dividida entre departamentos e missões como se organiza a maioria das congregações das Assembleias de Deus e seu funcionamento seguia as orientações da igreja-mãe, com duas reuniões aos domingos, a Escola Dominical pela manhã e um culto à noite. Durante a semana, aconteciam duas reuniões, uma na quarta e outra na sexta-feira, ambas à noite. No entanto, a maioria dos membros encontravam-se para comunhão, edificação e adoração, somente aos domingos. Somada a essas reuniões, existiam os grupos de corais que se reuniam para ensaio uma vez por semana.

O evangelismo na igreja ocorria através dos cultos ao ar livre, entrega de literaturas e apelos nos cultos da igreja. Esses novos convertidos, segundo o relato

⁶⁹ Base da teologia pentecostal, sustentada bíblicamente pelas referências descritas em Jo 20.22; At 1.4-5,8; At 2.14 e ainda outras referências descritas no Livro de Atos.

de membros antigos da AD Pedreira, não eram integrados à igreja de forma sistematizada, o que possibilitava a evasão de muitos deles.

3.2 A IMPLANTAÇÃO DOS PEQUENOS GRUPOS NA ASSEMBLEIA DE DEUS PEDREIRA E O MOMENTO ATUAL

A implantação dos pequenos grupos na AD Pedreira ocorreu no ano de 2002, quando a liderança da igreja, em busca de direção clara de Deus para obter melhores resultados, recebeu confirmação da nova visão de Igreja em Células⁷⁰. Já em 2003, começou com uma Escola de Líderes, com o objetivo de capacitar os líderes para assumirem os pequenos grupos. Vale destacar que os pequenos grupos também foram implantados na igreja-mãe, porém sem tanta ênfase como ocorreu e ocorre na AD Pedreira.

Em 2003, efetivamente, os pequenos grupos foram implantados, começando com seis grupos pioneiros. Na época e até o ano de 2012, os pequenos grupos na AD Pedreira recebiam o nome de Núcleo de Base Missionário (NBM), a partir de então, foram efetivamente divulgados e mantidos pela igreja como, células, porém permanecendo na igreja-mãe como NBM.

Vale destacar que, desde o início, a coordenação dos pequenos grupos foi delegada do Pastor presidente Sebastião Castro para o Pr. Edson Ribeiro, e este se encarregava da capacitação e disseminação da visão para toda a igreja. No entanto, percebe-se ao final deste trabalho que atualmente o pastor titular da igreja tem assumido a direção dos pequenos grupos e com uma participação mais ativa no processo.

Considerando o avanço dos pequenos grupos na AD Pedreira, o presidente da igreja-mãe em Belém, realizou algumas conferências a fim de expor o crescimento dos trabalhos na AD Pedreira para as demais congregações, momento em que foram lançados dois manuais. A primeira edição do manual em 2004⁷¹ e outro em 2010⁷², e o mais recente lançado na última conferência ocorrida em

⁷⁰ Apostila TREINAMENTO, p.34, desenvolvida pela AD Pedreira, 2013.

⁷¹ Manual – Núcleo

⁷² Núcleos Missionários – Manual.

fevereiro de 2014⁷³. Este último formatado com base nos materiais disponibilizados pela IBCH⁷⁴.

Atualmente, a AD Pedreira está com aproximadamente 700(setecentos) membros, e organiza suas reuniões da seguinte forma:

- Escola Dominical - a qual segue o *currículum* do Instituto Cristão Internacional, que visa às áreas de estudo, como: prática ministerial, estudos bíblicos, desenvolvimento espiritual e evangelismo e missões.
- Culto as 16:00, 17:45 e 19:30 horas - o primeiro segue uma liturgia tradicional de culto com orquestra, coral, onde os membros na maior parte do tempo permanecem sentados. Os demais cultos acontecem de forma mais dinâmica, com um momento de louvor mais participativo, com bandas, grupo de dança, uso de recursos audiovisuais dando ênfase à vida em comunidade, utiliza-se ainda de teatro com pequenas encenações.
- As reuniões das células acontecem uma vez por semana, sendo que a maioria delas ocorrem às quintas-feiras;
- Durante a semana acontecem ainda reuniões para casais, ensaio de coral, treinamento e culto.

3.3 ANÁLISES DOS DADOS

3.3.1 Informações sobre a pesquisa

Foram elaborados 02 (dois) questionários. Um para ser preenchido pelos pastores e líderes e o outro a ser preenchido pelos membros. Os questionários foram divididos em duas partes. A primeira delas, questões de 1 a 4, apresentam os dados pessoais do informante, sobre tempo de conversão, idade, como ocorreu a conversão e sua respectiva ocupação na igreja. Já a segunda parte do questionário apresenta o conhecimento de cada informante acerca do sistema em células, a implantação e desenvolvimento dos PG(s), sua base teórica para implantação,

⁷³ Ensina-me a aprender – vivendo a experiência de um aprendiz.

⁷⁴ Igreja Batista Central de Belo Horizonte.

dificuldades encontradas durante a implantação e o que ocorre hoje nos PG(s), o entendimento de igreja saudável, dentre outros aspectos.

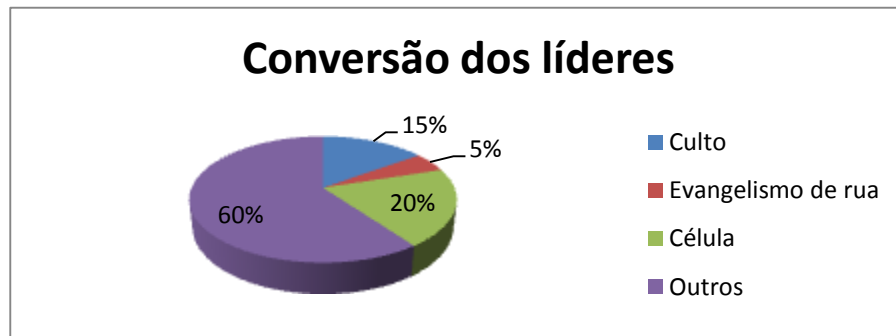
A pesquisa de campo ocorreu no período entre outubro de 2013 a junho de 2014. Primeiramente, a análise estará representada pelos questionários cujos informantes são os pastores e líderes de células.

a pesquisa, constatou-se que a AD Pedreira possui aproximadamente 20 (vinte) pastores, entre pastores convencionados e pastores locais. Destes, 10 (dez) responderam ao questionário. Dentre os informantes, todos têm mais de 10 anos de conversão, estão na idade entre 42 e 65 anos. 50% dos pesquisados responderam que se converteram por meio de pregação na igreja e os 50% restante por outras formas, como: leitura da Palavra, visita de um amigo e visita espontânea de um evangélico.

A partir dos dados acima, em relação a conversão dos pastores, comprova a existência de uma igreja muito mais voltada para o culto e centrada no tipo de evangelismo por meio da pregação do pastor.

Quanto aos líderes, hoje, a igreja tem um pouco mais de 136 (cento e trinta e seis) líderes, destes, foram coletados 20 (vinte) questionários. 30% dos informantes têm mais de 10 anos de conversão, a maioria dos líderes está na faixa etária entre 17 e 42 anos.

Quanto à experiência de conversão dos informantes, foram bem diversificadas, 15% por meio de pregação no culto, 5% através de evangelismo de rua, 20% se converteram em reuniões de células e 60% informaram que suas experiências de conversão ocorreram de outras formas como; discipulado um a um, culto de batismo, etc.



3.3.2 Apresentação e Análise dos Dados

Considerando que os questionários para pastores e líderes foram os mesmos, na sequência serão apresentados os dados acerca das perguntas elaboradas simultaneamente.

No que tange a pergunta 5, quanto à avaliação da AD Pedreira antes da implantação dos pequenos grupos, apenas 10% dos pastores consideram que a AD Pedreira já se diferenciava das demais assembleias em sua liturgia e dinâmica de culto, os demais 90% consideraram a AD Pedreira como uma igreja tradicional⁷⁵.

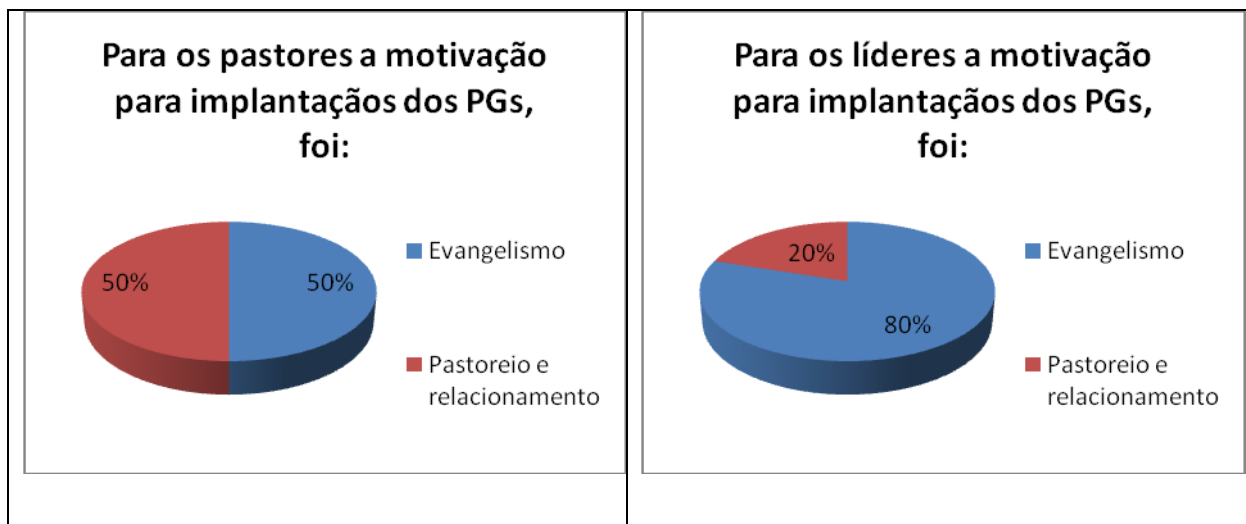


Quanto aos líderes, 15% informaram que a igreja precisava rever suas bases acerca do pastoreio de seus membros e 85% consideraram a AD Pedreira antes dos

⁷⁵ Na concepção dos informantes, entende-se como igreja tradicional àquela baseada em programas, mais voltada para as atividades na igreja, privilegiando ensaios de banda, coral, em vez de priorizar relacionamentos e não visava um crescimento substancial.

PGs, também como uma igreja tradicional. No gráfico abaixo, estas informações podem ser visualizadas.

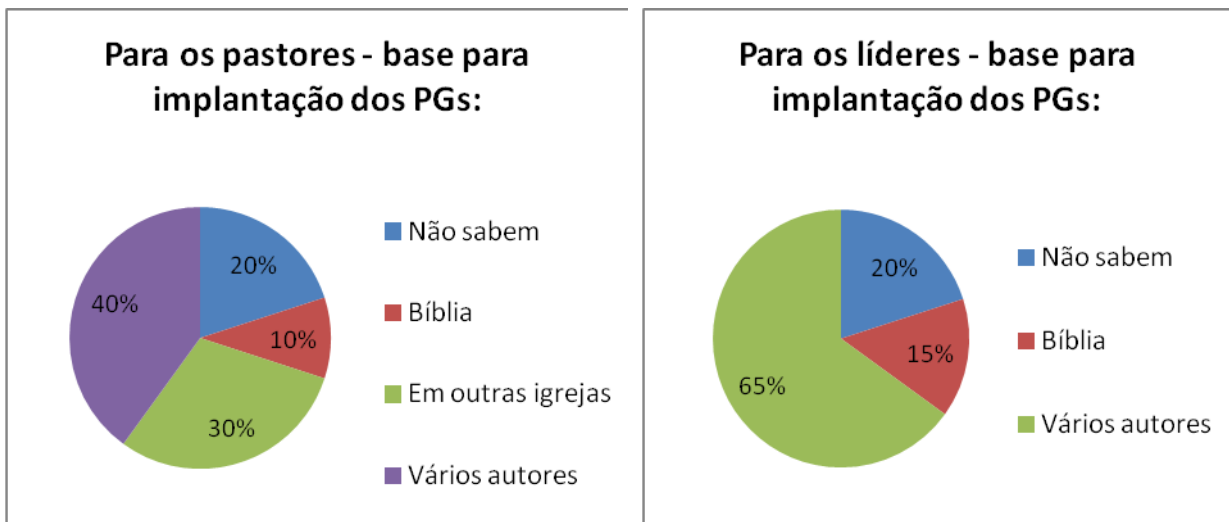
O gráfico abaixo que espelha a questão 6, evidencia algo que chama a atenção acerca da percepção dos informantes sobre a motivação para implantação dos PGs na AD Pedreira. Constatou-se que 50% dos pastores consideram que o sistema em células tem como principal objetivo o crescimento da igreja. E mais de 80% dos líderes acreditam que o incentivo e motivação para a implantação seriam o evangelismo e crescimento da igreja.



Tanto pastores quanto líderes consideram que a principal motivação para a implantação dos PGs na AD Pedreira foi o crescimento e o evangelismo. Porém, pela pesquisa bibliográfica da pesquisadora e pelo tempo em que os PGs foram implantados, esperava-se por este grupo de pastores e líderes certa consciência a respeito do que seja uma igreja em células.

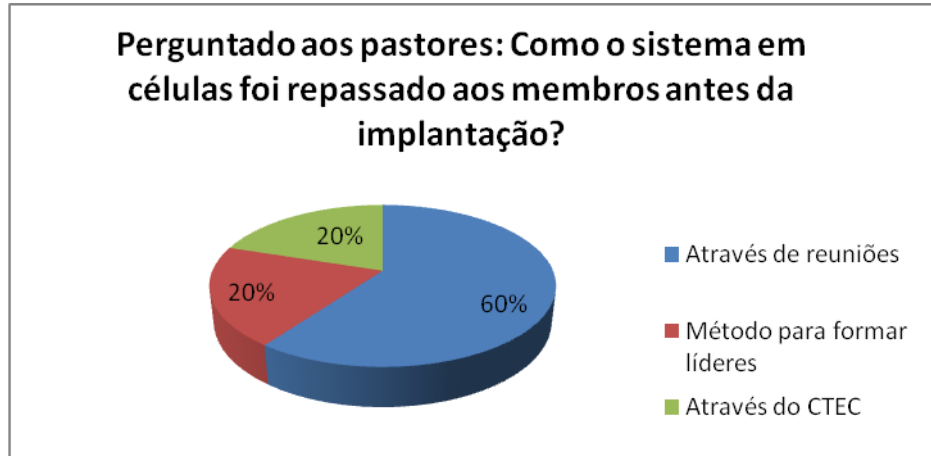
Perguntado na questão 7 acerca dos autores que foram utilizados como base para a implantação dos PGs na AD Pedreira, 10% afirmaram que a base seria a Bíblia, precisamente o livro de Atos dos Apóstolos, 20% dos pastores não responderam, 30% informaram que foi com base em outras igrejas com resultados positivos com PGs e 40% informaram que foi baseado nas experiências de vários autores como: Ralph W. Neighbour Jr, Robert Lay, Aluizio Silva, Abe Uber, Joel Cominskei, Paul Yong Cho, Dave Earley, entre outros.

Por outro lado, 20% dos líderes não souberam responder, 15% consideram que os textos bíblicos foram a base para a implantação dos PGs e 65% informaram que foi baseado em diversos autores como: Abe Uber, Aluízio Silva, Joel Cominsky, Ralph W. Neighbour Jr, Benjamim Wony, Paulo Malzon, entre outros.



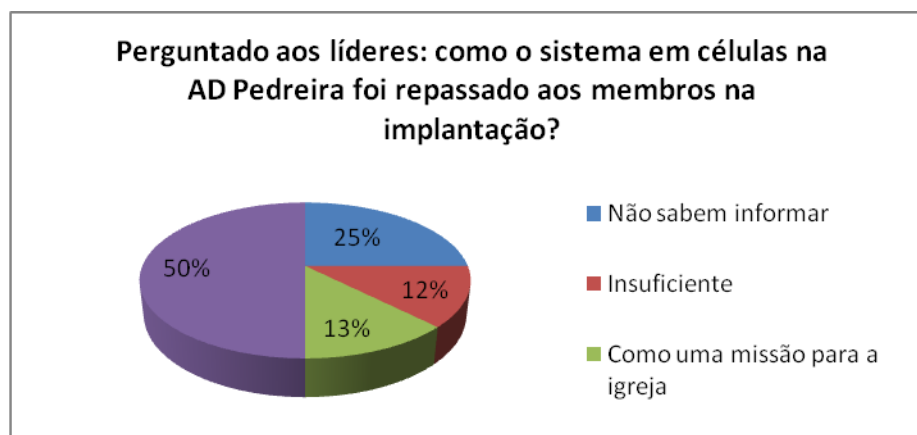
De acordo com as respostas acima, percebe-se a falta de definição sobre qual método a igreja iria implantar, pois cada autor tem uma compreensão e metodologia sobre igreja em pequenos grupos. Um fato constatado ainda nas respostas é o percentual alto entre os pastores e líderes que não soube responder, possivelmente isso se deve a falta de consistência no treinamento pré-implantação dos PGs.

Na questão 8, procurou-se evidenciar como o sistema em células foi repassado aos membros da AD Pedreira, antes da efetiva implantação. 60% dos pastores informaram que ocorreu através de reuniões na igreja, 20% informaram que seria um método para formar líderes e para evangelismo, e 20% responderam que ocorreu através do Centro de Treinamento em Excelência Cristã - CTEC.



Constata-se nos dados acima que não houve um período de treinamento necessário que pudesse suprir e municiar todos os pastores sobre a nova fase que a igreja viveria a partir da implantação dos PGs. No entanto, um fato que chama a atenção, é que os informantes consideram que o CTEC foi o método utilizado para repassar à igreja o que seria o sistema em células, porém o material utilizado no CTEC, começou a ser implementado somente a partir de 2011.

Quanto aos líderes, 12% consideram que foi insuficiente, 13% entenderam que a pergunta estava se referindo ao entendimento do que seria PGs, 25% não souberam informar e 50% informaram que se deu através de reuniões que ocorriam nas segundas-feiras, e que atualmente é repassado à igreja por meio do CTEC.

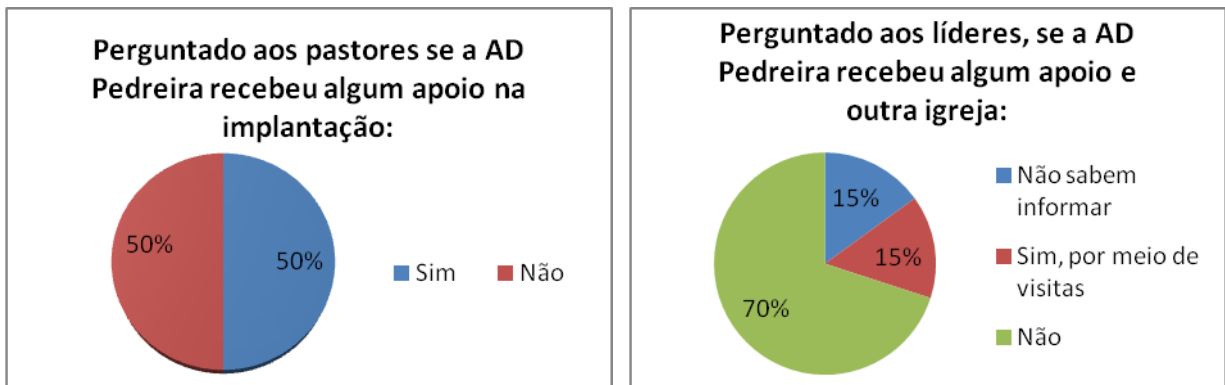


Um fato constatado nas informações foi a ausência de uma abordagem mais clara e detalhada sobre o sistema em células. Destaca-se ainda nesta pergunta uma

informação de um dos líderes: “foi insuficiente fazendo com que muitos membros (principalmente os mais antigos) resistam até hoje aos pequenos grupos”.

Em seguida, a questão 9 inquiriu se a AD Pedreira recebeu algum apoio de outra igreja ou denominação que colaborou no período inicial da implantação dos PGs. 50% dos pastores responderam que *sim*, que recebeu apoio por meio de materiais, congressos, conferências dentro e fora do Estado, porém 50% informaram que *não* receberam apoio. Mais uma evidência de que o grupo de pastores pesquisados desconhece no todo ou em parte qual a ajuda que a AD Pedreira recebeu, ou seja, não houve consenso acerca da pergunta o que pode demonstrar carência de consciência do próprio processo de implantação.

Entre os líderes, 15% não sabem informar; 15% disseram que *sim*, através de visitas a outras igrejas em células e 70% informaram que a AD Pedreira não recebeu apoio de nenhuma igreja na implantação.



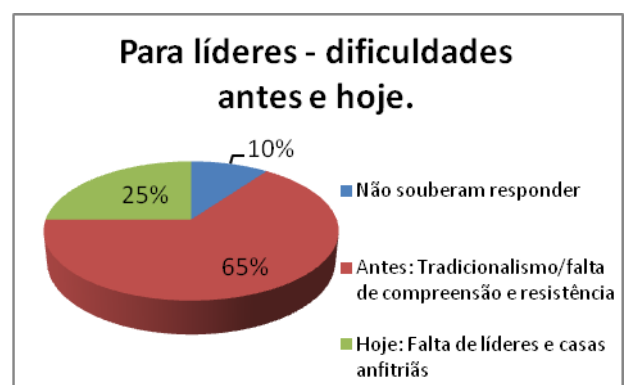
A compreensão dos dados acima leva a interpretar que talvez não tenha havido um apoio oficial de qualquer denominação, mas ambos, tanto pastores quanto líderes buscaram ajuda pelas formas apresentadas por estes, mesmo que poucos tivessem consciência do que estavam fazendo de fato.

A questão 10 procurou evidenciar quais os desafios que a AD Pedreira enfrentou na implantação dos PGs e quais ainda enfrenta. Porém, apenas 50% das respostas dos pastores atenderam ao objetivo da pergunta, os outros 50% responderam apenas parcialmente referindo-se apenas a primeira parte da pergunta sobre os desafios iniciais.

Dos 50% que responderam integralmente a pergunta, 25% informaram que foi a resistência frente às mudanças e o apego ao tradicionalismo, e os outros 25% consideram que atualmente ainda é o tradicionalismo, somado a falta de interesse dos membros na capacitação para os PGs, bem como ausência de líderes e casas anfitriãs⁷⁶.

Os demais que responderam a pergunta parcialmente, apenas se referiram às dificuldades iniciais. Informaram que no início muitos membros não entendiam bem a dimensão do que estava sendo implantado na Igreja, mas com os resultados obtidos foram mudando de opinião. Outro obstáculo enfrentado também no início foi encontrar casas anfitriãs e líderes para os PGs. Mas, a dificuldade de maior relevância apresentada pelos pesquisados foi a mentalidade tradicional da Igreja frente ao novo.

Em relação aos líderes, ainda acerca da pergunta 10, 10% não souberam responder; 65% informaram que na implantação as principais dificuldades estão relacionadas ao tradicionalismo/religiosidade, falta de compreensão do método e a resistência às mudanças; 25% disseram que hoje as principais dificuldades estão relacionadas à falta de líderes e casas anfitriãs e ao aprimoramento das mudanças desde a implantação.



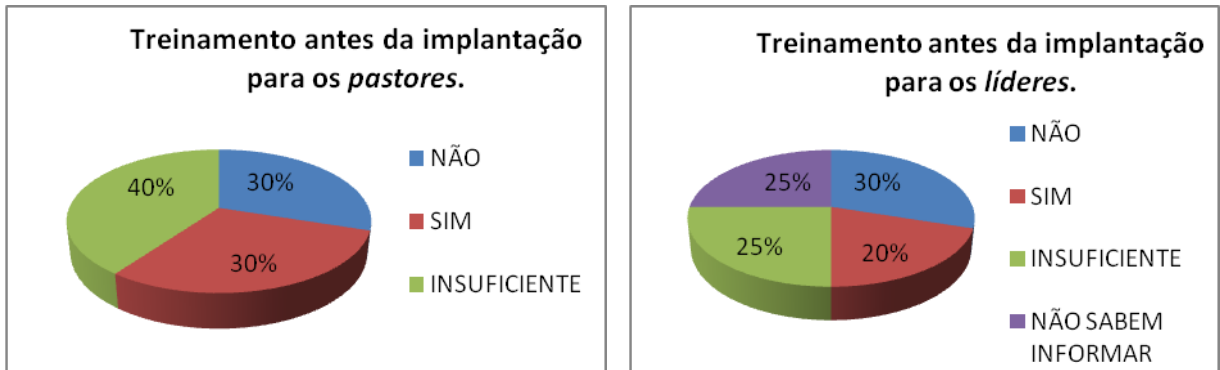
Destaca-se uma informação recebida de que a principal dificuldade hoje na AD Pedreira seria a “existência de duas igrejas dentro de uma e principalmente a falta da vida em comunidade” proposta pelos PGs. Esta declaração leva a interpretar

⁷⁶ Casas cedidas por membros da AD Pedreira para a realização das reuniões de PGs.

que está faltando à igreja uma conscientização do que seja uma igreja em PGs, possivelmente isso está relacionado à forma de estruturação na implantação destes.

A questão 11 procurou evidenciar como ocorreu no início o treinamento para a implantação dos PGs. Dentre os pastores 35% informaram que não receberam treinamento; 20% disseram que sim e 40% disseram que foi insuficiente. Para os líderes, 30% disseram que não; 20% informaram que sim; 25% disseram que foi insuficiente, e 25% não sabem informar.

Considerando a análise das informações, bem como as respostas obtidas, foram atribuídas às respostas SIM, NÃO e INSUFICIENTE, como apresentada no gráfico abaixo. No entanto, todos acrescentaram que hoje o treinamento tem ocorrido através do Centro de Treinamento em Excelência Cristã - CTEC, com quatro módulos e com duração de dois anos, e após, os líderes fazem parte do treinamento continuado na ULC - Universidade de Liderança Cristã, a qual ocorre duas vezes na semana.



Pelas informações apresentadas, tanto dos pastores quanto dos líderes, constata-se que a fase de treinamento antes da implantação dos PGs não foi capaz de suprir a necessidade de se preparar os pastores e líderes para a nova fase que se descortinava diante deles e seria vivenciada pela igreja, e sob a liderança deles. Além de mostrar que eles não tinham de fato a consciência do que estava acontecendo. Com isso, pode-se pressupor a possibilidade de ter ocorrido pelo menos dois problemas adicionais. 1) o despreparo e 2) a insegurança como consequência do primeiro.

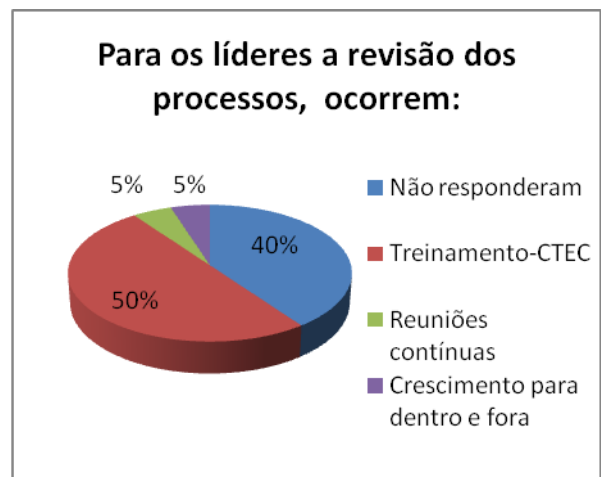
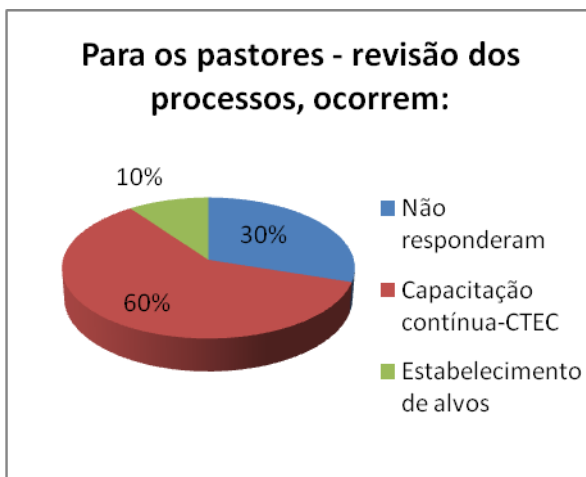
A questão 12 procurou evidenciar se do início do processo até agora, houve adaptações ou uma nova compreensão daquilo que foi implantado inicialmente, e quais as mudanças observadas pelos informantes.

De todos os pesquisados, entre pastores e líderes, apenas 13% não responderam ao questionário, 87% responderam que sim por considerarem o aprendizado permanente e que a metodologia requer atualizações e adaptações, mas não souberam informar quais as adaptações que ocorreram.

No entanto, nas informações apresentadas acerca desta pergunta, 10% dos pastores e 10% dos líderes consideraram que uma das mudanças significativas ocorreu em virtude da mudança do nome dado aos pequenos grupos, passando de Núcleo de Base Missionários - NBM para células.

Considerando que a pergunta era aberta para respostas, um dos líderes informou que a partir de 2011, a AD Pedreira começou a ter uma melhor compreensão do trabalho em PGs, pois muitas reuniões nas casas estavam ocorrendo com a mesma liturgia de um culto, o que foi gradativamente reinterpretado pelos líderes a partir de uma nova metodologia de treinamento para a formação de líderes através do CTEC.

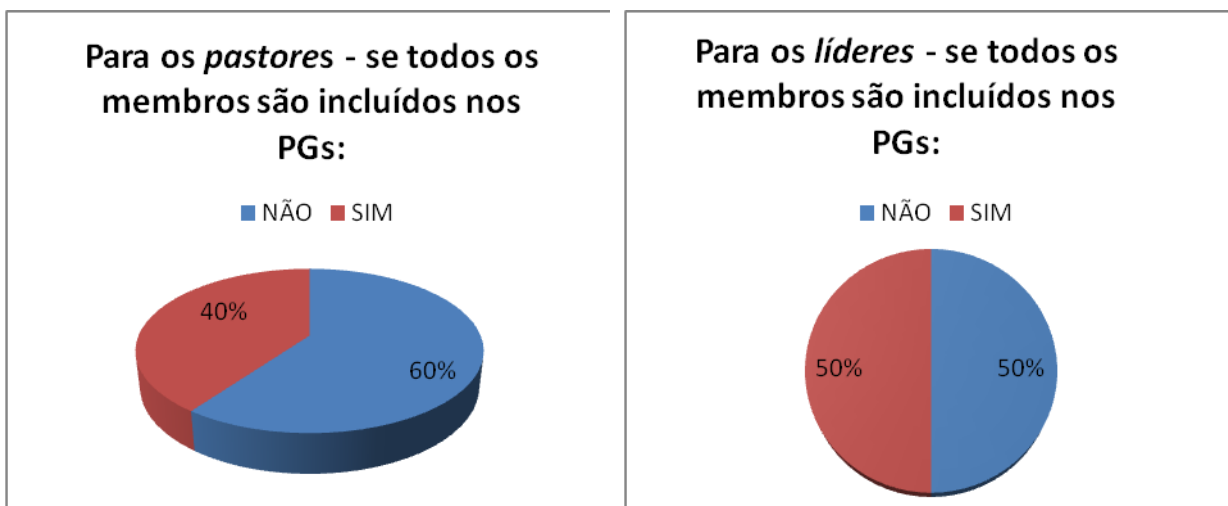
Perguntado na questão 13, qual a dinâmica ou estratégia adotada pela AD Pedreira acerca do sistema em células para a revisão do processo dos princípios e práticas implantados inicialmente, foram apresentadas as seguintes respostas:



Constata-se que embora a maioria se reportou ao Centro de Treinamento em Excelência Cristã - CTEC, como método avaliativo para a revisão dos processos implementados, porém a pesquisadora tem conhecimento da estrutura do CTEC, e não encontrou dentro dos módulos oferecidos o suprimento da necessidade de avaliação periódica, o que abre desdobramentos para duas possibilidades:

1. O grupo pesquisado desconhece um processo avaliativo;
2. Se não estão acostumados com um processo avaliativo houve uma falha no planejamento.

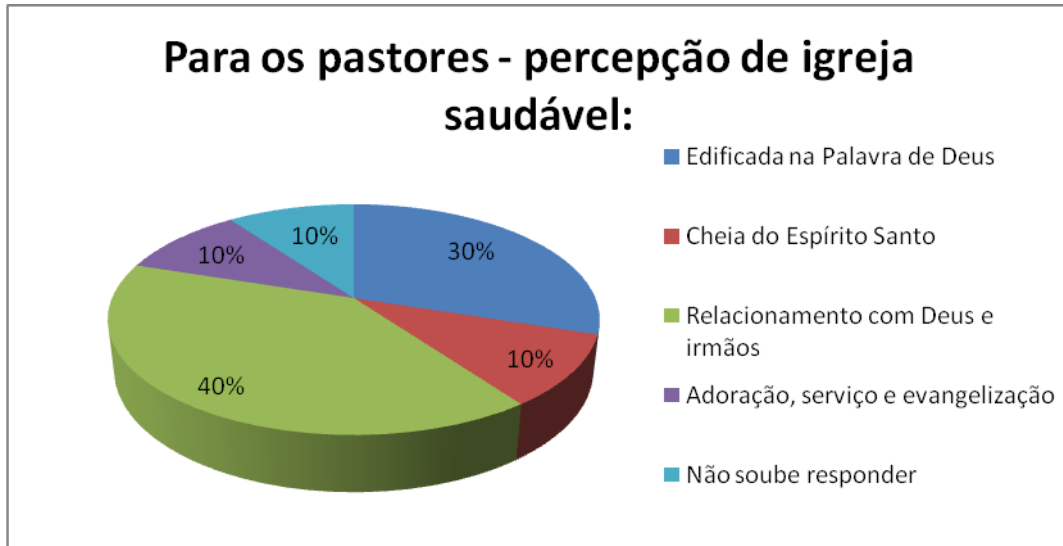
A questão 14 buscou pesquisar se todos os membros da AD Pedreira são atendidos pelos PGs, e foram apresentadas as respostas no gráfico a seguir:



Os pastores informaram que faltam células de idosos e uma melhor integração entre os diversos ministérios da igreja e o sistema em células.

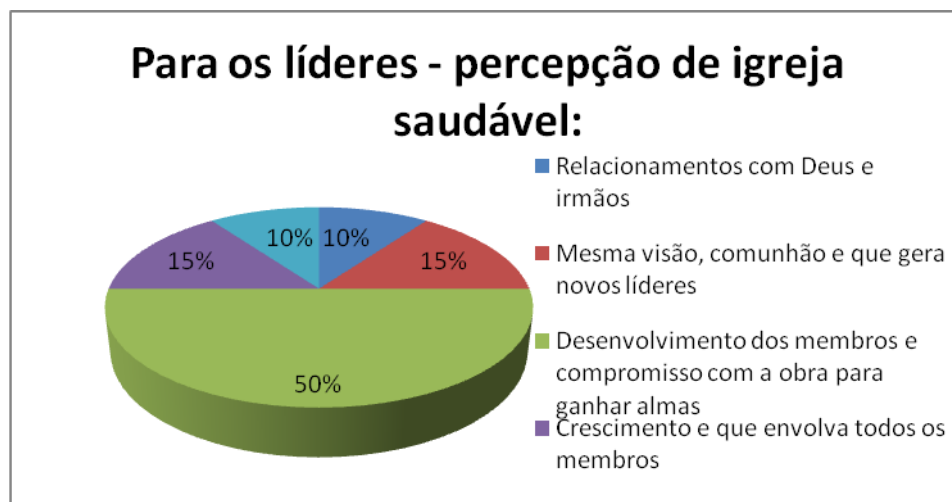
Por outro lado, os líderes acrescentaram que ainda há lacunas a serem preenchidas também em relação às células de idosos, bem como de crianças. Constata-se ainda pelos dados acima que, como a igreja não obteve uma compreensão mais precisa da “vida” em PGs no início do processo, nem toda a membresia tem sido atendida pelos PGs.

Quando perguntado na questão 15, qual a compreensão de uma igreja saudável e a partir desta compreensão quais as vantagens e desvantagens do sistema em células constatou-se que os pastores apresentaram uma compreensão bem abrangente de uma igreja saudável, as quais seguem abaixo:



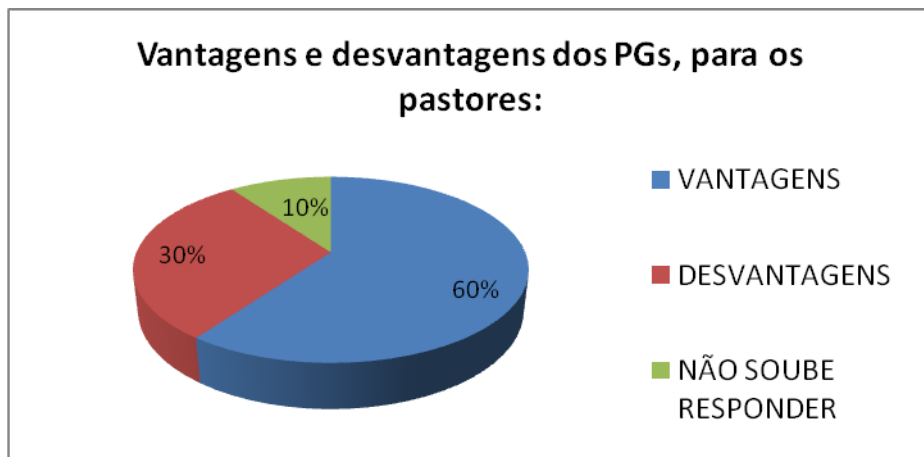
Para a maioria dos pastores, uma igreja saudável é aquela que está voltada a relacionamentos e que tem as seguintes práticas: adoração, serviço e evangelismo.

Por outro lado, a maioria das respostas apresentadas pelos líderes considera que uma igreja saudável é uma igreja voltada para o cumprimento da Grande Comissão, como vemos em algumas das respostas na tabela abaixo:



O quadro acima evidencia a percepção da grande maioria dos líderes que consideram o evangelismo como a principal marca de saúde da igreja. Isto possivelmente direciona os líderes a interpretarem que os PGs sirvam apenas para fortalecer a visão outrora praticada pela igreja quanto ao evangelismo.

Em relação às vantagens e desvantagens do sistema em células em vista de uma igreja saudável, os pastores apresentaram as respostas a seguir:

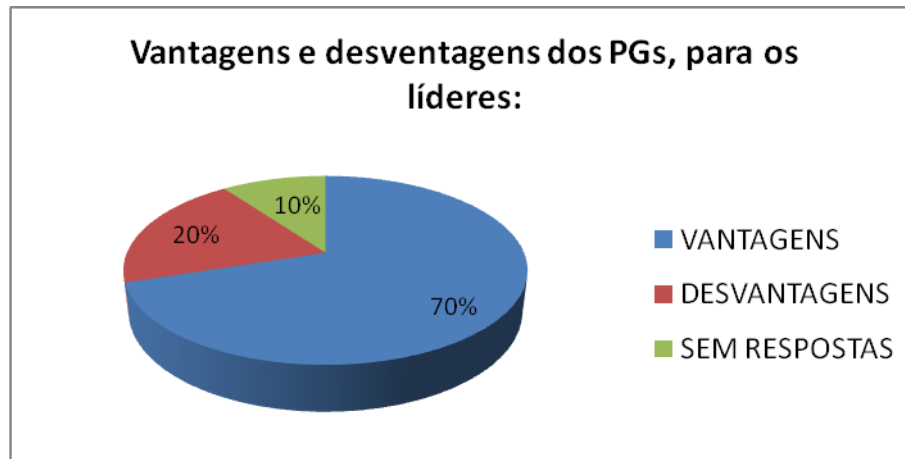


Seguem abaixo alguns argumentos apresentados por 60% dos pastores pesquisados acerca da vantagem dos PGs em vista de uma igreja saudável:

- ✓ Incentiva os membros a viverem relacionamentos/integração
- ✓ Oportunidade para cada membro se tornar um líder frutificador
- ✓ Maior acesso à Palavra de Deus
- ✓ Vivenciar a Grande Comissão.

Por outro lado, apenas 30% dos pastores consideram desvantagem nos PGs, pelos motivos a seguir:

- ✓ Quando não há uma compreensão correta da visão/radicalismo
- ✓ Falta de planejamento e organização
- ✓ Funcionamento independente da igreja
- ✓ Quando se afasta da Palavra de Deus e entra o ensino dos homens.



As vantagens apresentadas pelos 70% dos líderes estão relacionadas a:

- ✓ Relacionamento com Deus e irmãos e exercício do amor ao próximo;
- ✓ Salvação de almas e crescimento
- ✓ Maior abrangência para ministrar a Palavra de Deus
- ✓ Minimizar carências entre os membros.

20% dos líderes apenas consideram como desvantagem os PGs, pelos argumentos a seguir:

- ✓ Nem todos estão na mesma visão
- ✓ Pouca importância que se dá ao estudo da Palavra
- ✓ Viver em função de números e de estratégias

De acordo com o já informado, a pesquisa considerou além dos questionários para pastores e líderes, também outro modelo a ser preenchido pelos membros da AD Pedreira, sendo obtido o total de 40 questionários.

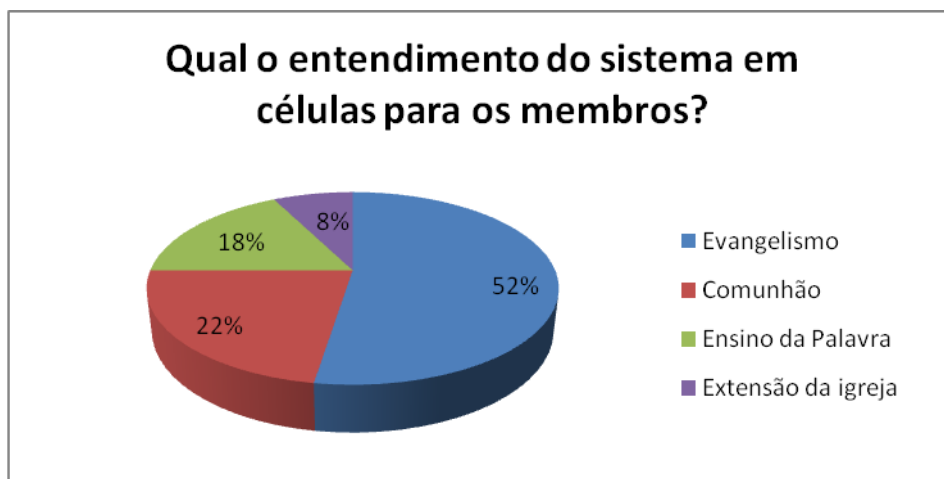
As questões de 1 a 4 apresentam os dados pessoais do informante, sobre tempo de conversão, idade, como ocorreu à conversão e sua respectiva ocupação na igreja. Já a segunda parte do questionário apresenta o conhecimento de cada informante acerca do sistema em células, sobre quais aspectos o informante e sua família são atendidos pelo sistema em células, se o informante acha necessário uma adaptação do que foi implantado, quais as vantagens e desvantagens trazidas pelos PGs, se o informante apóia ou não o sistema, e por último qual a percepção do membro acerca de uma igreja saudável.

Na pesquisa constatou-se que a AD Pedreira possui aproximadamente 700 membros. Destes, 40 responderam ao questionário. 55% dos informantes têm mais de 10 anos de conversão, e estão na idade entre 25 e 66 anos. 47,50% dos pesquisados responderam que se converteram através de pregação na igreja, 22,5% em uma célula e os 30% restantes por meio de outra forma.

Um fato que chama a atenção, é que 30% dos que responderam assemelhou a conversão ao nascimento num lar cristão, o que mostra uma falta de compreensão do que seja a experiência de conversão.

De todos os questionários de membros, 15% apenas cedem suas casas para as reuniões de células.

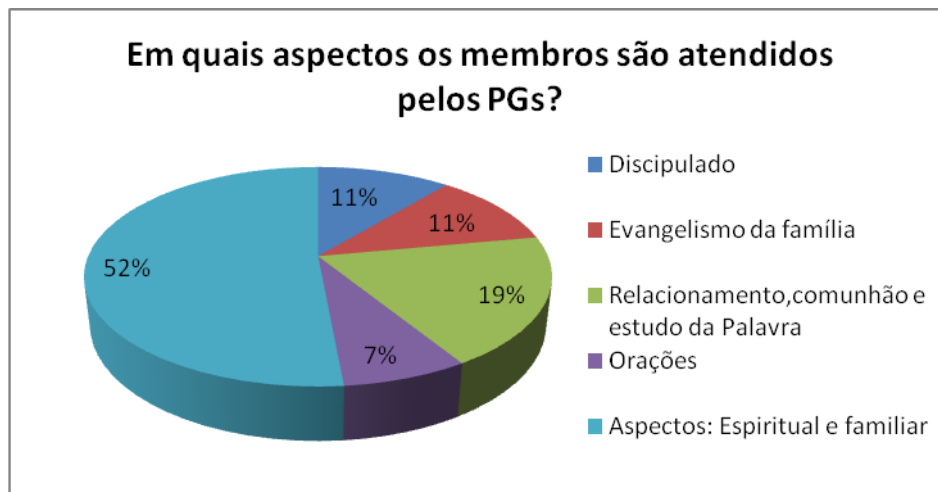
A partir da questão 5, foram consideradas as respostas livres dos informantes. Na primeira pergunta, buscou-se conhecer qual o entendimento dos membros acerca do sistema em células. 52% entendem que se trata de uma estratégia para ganhar almas, 22% entendem que são reuniões para comunhão, 18% consideram que o sistema em células é para o ensino da Palavra de Deus e 8% entendem que o sistema em células é a extensão da igreja.



De acordo com as respostas fica evidente que a maioria dos membros considera que o sistema em células é para evangelismo, informação também constatada nos questionários de pastores e líderes. Por outro lado, alguns membros

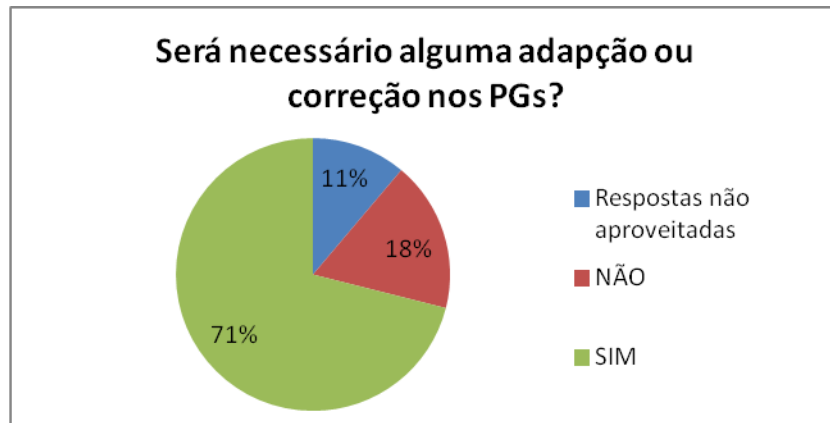
consideram que as reuniões de PGs na AD Pedreira acontecem para fortalecer a comunhão.

A questão 6, procurou evidenciar se os membros e suas respectivas famílias são amparados em todas as suas necessidades pelo sistema em célula. As respostas apresentadas consideram que 15% não frequentam célula, 17,5% apresentaram respostas que não puderam ser aproveitadas, ou seja, um total de 27,5% não serão consideradas como respostas válidas para a pesquisa. Entre os que responderam, consideremos o gráfico abaixo:



De 100% das respostas válidas acima, mais da metade consideram que são atendidos pelos PGs na AD Pedreira, por meio dos aspectos espiritual e familiar. Isto possivelmente está ocorrendo pela falta de capacitação de alguns líderes que estão à frente dos PGs ou pela falta de compreensão dos membros sobre a finalidade dos PGs.

Na questão 7, pesquisou-se entre os membros se estes entendem se há necessidade de adaptação ou correção do sistema em células implantado na AD Pedreira. 10% das respostas não puderam ser aproveitadas, 17,5% responderam que não há necessidade de mudanças, mas não especificaram quais mudanças, e 70% disseram que sim, e especificaram quais, conforme gráfico e descrição das respostas abertas abaixo:



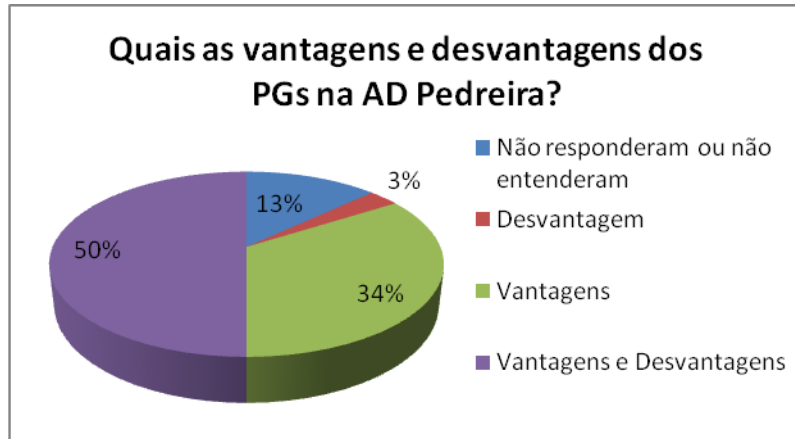
Considerando que a resposta foi aberta, entende-se ser importante as sugestões de mudanças apresentadas pelos membros a seguir:

- ✓ Reavaliar a necessidade de “Encontros e Pós-encontros”⁷⁷
- ✓ Mostrar aos integrantes das células a importância de frequentarem o templo
- ✓ Maior cuidado dos membros das células
- ✓ Maior número de mulheres para acompanhar mulheres novas convertidas
- ✓ Ênfase na capacitação dos líderes e melhor compreensão dos PGs entre os membros
- ✓ Ênfase na comunicação
- ✓ Maior envolvimento dos pastores e esposas de pastores
- ✓ Revisão dos princípios bíblicos relacionados à unidade e comunhão na igreja.
- ✓ Propiciar uma rotatividade entre os líderes nas células
- ✓ Serviço de secretaria estruturada em tempo integral, com informações tempestivas e eficazes;
- ✓ Serviço informatizado de cadastro de membro e endereço de células
- ✓ Network de profissionais cristãos

Perguntado aos membros na questão 8 do questionário, quais as vantagens e desvantagens do sistema em células no contexto da AD Pedreira, foram observadas

⁷⁷ Encontros são retiros que ocorrem durante o ano, cujo maior objetivo é o evangelismo. Geralmente acontecem em sítios, num fim de semana, para ministrar palestras sobre pecado, libertação, cura, a nova vida em Cristo, etc. Os pós-encontros acontecem um dia após o “Encontro” para reafirmar os valores e princípios apresentados nos encontros e direcionar os novos membros à liderança. FREITAS, Adriano. **Vidas Transformadas** – Manual do Encontro para Jovens e Adultos. Belo Horizonte - MG: Editora Presença, 2013, p.17.

as seguintes informações no gráfico, e relacionadas abaixo, já que trata-se de pergunta aberta para resposta.



34% dos membros pesquisados consideram apenas vantagens no sistema em células, apresentando os argumentos listados abaixo:

- ✓ Oportunidade de evangelismo
- ✓ Ensino da Palavra
- ✓ Crescimento
- ✓ Maior integração e comunhão
- ✓ Prática do discipulado

E ainda 50% dos membros apresentaram vantagens e desvantagens, as quais seguem listadas abaixo:

Vantagens:

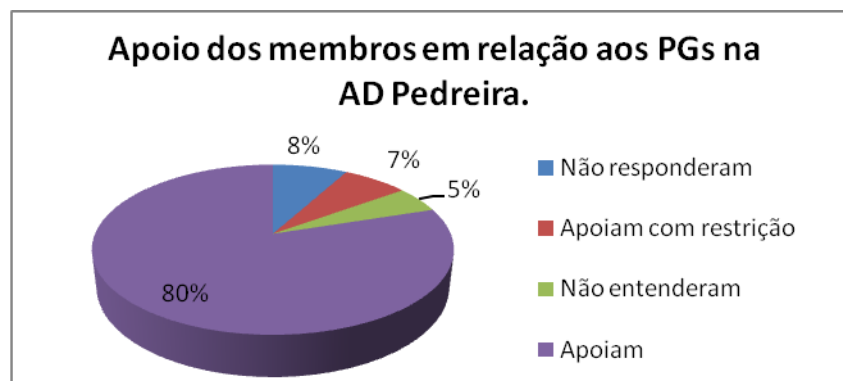
- ✓ Maior número de pessoas evangelizadas
- ✓ Comunhão
- ✓ Oportunidade para descobrir dons
- ✓ Discipulado
- ✓ Crescimento do número de membros

Desvantagens:

- ✓ Novos convertidos não são consolidados na Escola Bíblica Dominical

- ✓ Falta de capacitação dos líderes
- ✓ Menos frequência em alguns cultos
- ✓ Fazer da reunião um ponto de encontro
- ✓ Falta de unidade de propósito
- ✓ Maior número de membros que frequentam apenas as células, e não o templo.
- ✓ Células grandes em número e distantes da igreja.
- ✓ Falta de supervisão nas células
- ✓ Crescimento sem consolidação na Palavra de Deus.

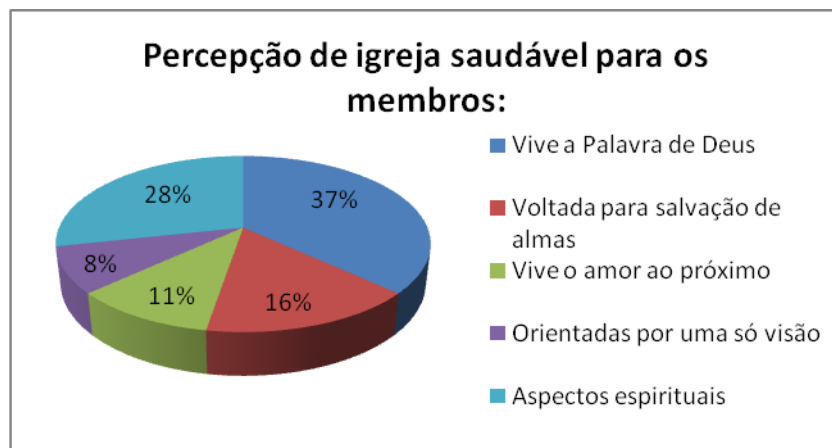
A questão 9 buscou conhecer a receptividade dos membros quanto aos pequenos grupos na AD Pedreira, e estes informaram o que segue no gráfico a seguir:



Observa-se no quadro acima, que os 7% que apoiam com restrição consideram que a restrição está relacionada com a necessidade de se fazer rodízio com líderes e células, ou seja, líderes mudaram de células com outros.

Por outro lado, 80% afirmaram que apoiam os PGs, porque entendem que o sistema em células é uma estratégia para evangelismo e crescimento. Mais uma vez está explícito o entendimento da maioria dos membros acerca dos PGs como estratégia de evangelismo. No entanto, contrasta com as vantagens apresentadas pelos membros acerca dos PGs, mas tendem a defender ou argumentar apenas como uma estratégia evangelística.

A questão 10 buscou conhecer qual a percepção dos membros acerca de uma igreja saudável. As respostas apresentadas foram bem diversificadas, 35% consideram que é uma igreja que vive a Palavra de Deus, 15% que é aquela voltada para a salvação de almas, 10% consideram que é aquela que vive o amor ao próximo, 8% que são orientadas por uma só visão, e apenas 5% entendem que uma igreja saudável é aquela que a comunhão é vivida entre os membros, e os 27% restantes consideram que os aspectos espirituais são evidências de uma igreja saudável, como a oração, graça, unção, avivamento, as manifestações do Espírito Santo, etc.



O quadro acima indica que os membros têm um nível de conhecimento acerca dos aspectos que envolvem uma igreja saudável, no entanto observa-se certa desarmonia entre os conceitos de igreja saudável com base nos autores pesquisados, bem como uma carência da compreensão da igreja como corpo vivo de Cristo.

4 PERSPECTIVA DE UMA IGREJA EM PEQUENOS GRUPOS

A igreja que Cristo estabeleceu na terra é a igreja que deve expressar a sua glória. A igreja tem a urgência de manifestar esta glória por meio do amor, da comunhão, da adoração, do evangelismo, do serviço, e tudo isso pode ser vivido de maneira plena em comunidade. Cristo habitando no meio do seu povo e relacionando-se com este.⁷⁸

Viver em pequenos grupos ou células é experimentar a vida na comunidade cristã mais de perto. Onde a vida de Cristo e seus ensinamentos são compartilhados uns com os outros e todos glorificando a Cristo por meio de suas vidas. Se o PG não conseguir vivenciar este estilo de vida, ele será reduzido apenas a uma reunião semanal, como ocorre nas reuniões nos templos.⁷⁹

Como síntese do que foi apresentado por diversos autores no capítulo primeiro, os pequenos grupos que têm a centralidade em Cristo e bem estruturados podem levar a igreja local a viver uma comunidade saudável.

Desta forma, pequenos grupos projetados para viver em comunidade, desfrutam da comunhão, do evangelismo, do ensino, do pastoreio, da oração e do amor que Cristo uniu a sua Igreja, ou seja, viver o cristianismo com base em relacionamentos, primeiramente com Deus e no “uns aos outros”.

Pequenos grupos implantados à luz da Palavra de Deus e sistematicamente absorvidos por líderes que se debruçaram em estudar, pesquisar e experimentar a vida da Igreja em comunidade, sem dúvida, será a ferramenta para esta e às próximas gerações resgatarem a essência da igreja primitiva contextualizando-a e disseminando os princípios e valores divinos na terra.⁸⁰

⁷⁸ NEIGBOURT, 2009, p. 245.

⁷⁹ PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p. 145.

⁸⁰ BECKMAM, William A. **A Segunda Reforma: A Igreja do Novo Testamento no Século XXI**; tradução Haroldo Janzen – Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2007, p. 40.

Considerando a metodologia do presente trabalho, torna-se oportuno valorizar a iniciativa da AD Pedreira, uma igreja que acaba de completar 83 anos e que carrega consigo um estilo de igreja tradicional e centenário herdado da Igreja-mãe das Assembleias de Deus em Belém, que mesmo com sua pouca experiência em pequenos grupos teve a iniciativa e apresentou algo novo para a igreja local. Isto realmente é muito positivo, uma atitude de coragem e que expressou uma necessidade que a igreja estava passando em reavaliar ou até mesmo aprimorar sua liturgia e métodos, o que possivelmente levou-a a viver esta experiência em pequenos grupos.

É sabido que toda mudança gera resistência e um esforço contínuo para se chegar ao alvo pré-estabelecido. No entanto, abrir-se para uma igreja com base em PGs é vivenciar uma nova dinâmica para a igreja, que mais cedo ou mais tarde exigirá mudanças para a congregação, mas isso não quer dizer que será de maneira rápida e obrigatória, pois trata-se de uma mudança a longo prazo.

Como passo inicial para a mudança, a ênfase nos princípios da vida em comunidade é de fundamental importância à igreja, e somente depois se acrescentam aos princípios os métodos e/ou estratégias para a implantação e manutenção desta vida em comunidade. Neste entendimento Robison, destaca:

Não importa o modelo que escolher, o sucesso será maior se sua estratégia incluir estes seis princípios centrais: organizar o trabalho em torno da extensão de pastoreio, trabalhar com grupos abertos, diversificar e alinhar os ministérios, criar cultura de liderança, cultivar intencionalidade e contextualizar sua abordagem.⁸¹

Portanto, a igreja precisará planejar com riqueza de detalhes todas as fases as quais precisará enfrentar rumo a uma igreja em PGs. Diante de tal complexidade, este trabalho jamais teria a ousadia de tentar esgotar ou mesmo limitar o conhecimento acerca de Pequenos Grupos, haja vista que estes estão totalmente ligados aos relacionamentos humanos e isto requer dinamismo, flexibilidade e paciência.

⁸¹ DONAHUE; ROBISON, 2003, p.255.

Não obstante, a proposta deste trabalho não foi apresentar uma estratégia ou métodos de crescimento para uma igreja saudável em pequenos grupos, pois isto dependerá da cultura de cada igreja, mas apresentar princípios e valores que resgatam esta forma de ser igreja nos lares.

Com base nos autores pesquisados, e nos fatos apreendidos através da análise dos dados colhidos dos pastores, líderes de células e membros da AD Pedreira, é que se apresentam a seguir algumas sugestões para uma igreja saudável em pequenos grupos.

4.1 ESTABELECENDO OS ALICERCES

Neste tópico que visa estabelecer o que é necessário para que se comece a transição para uma igreja em células, serão ressaltados os seguintes aspectos: atuação do pastor líder, a visão para a igreja com base em PGs, estrutura de treinamento, discipulado do líder, estratégia escolhida e ministério de oração.

As igrejas que não tiveram sua fundação com base nos PGs e que desejarem migrar para uma estrutura de igreja em pequenos grupos, terão um longo e árduo caminho pela frente, que poderá proporcionar aos seus membros um meio para a maturidade cristã.

O primeiro e talvez principal aspecto no início dessa maratona, seja a decisão que o pastor titular da igreja terá que tomar. Se a intenção deste com os PGs é transformá-los na estrutura essencial da vida congregacional, ou apenas como mais um ministério dentro da igreja.

Tal é a importância da atuação do pastor no momento em que estão sendo estabelecidos os alicerces, que Piragine Júnior, compartilha sua experiência quando assumiu o ministério da Primeira Igreja Batista de Curitiba, uma grande e próspera igreja com 1.014 membros, o qual tentou implantar algumas mudanças, porém sem sucesso, pois ainda não havia conquistado o coração das suas ovelhas, e relata:

Almoçando com um dos líderes, e ávido por informações que me ajudassem a delinear meu projeto ministerial, escutei a seguinte frase: “Pastor, antes de

qualquer projeto, eles [os irmãos] precisam de um pastor. Pastoreie a igreja, cure as feridas das ovelhas, conduza-as a pastos verdejantes. Seja Pastor delas! [] Palavras sábias que certamente vinham de Deus! Como um pastor tão diferente e totalmente desassociado de suas histórias e de seus costumes, pode achar que será seguido e terá apoio, pagando o preço que qualquer mudança sempre impõe, sem que, primeiramente, apascente as ovelhas, cuide de suas feridas e conquiste sua confiança com o amor pastoral? Sem isso, certamente eles não me seguiriam⁸².

Diante disso é esperado que toda mudança enfrente resistência, por isso todo e qualquer projeto a ser implantado em igrejas locais requer o apoio de boa parte dos membros dentro de uma congregação, isso sinaliza o trabalho árduo que o pastor titular terá que enfrentar para conseguir colocar em prática qualquer ideia, modelo ou estratégia na vida da igreja. E nesse caso com a implantação de PGs não seria diferente.

Vale destacar aqui a abordagem de Neighbour Júnior acerca dos contrastes entre o termo “pastor titular” e “pastor líder”, considerando o papel que este desempenha na transição para uma igreja em pequenos grupos.

Um pastor titular serve como o CEO⁸³ com controle total sobre todos os detalhes da estrutura. Os membros da sua equipe pastoral são subordinados a ele e seguem exatamente as suas instruções. Não há espaço para desenvolvimento conjunto da estrutura, que é controlada pelo homem-chave. * Em contraste, um pastor líder serve como desenvolvedor dos outros, encorajando os dons e talentos dos integrantes da sua equipe, buscando constantemente liberá-los para fazerem crescer a visão única da comunidade*.⁸⁴

Por considerar o termo e definição mais apropriada para o perfil do pastor que será a vela do barco para uma igreja em células, é que se utilizará o termo “pastor líder” daqui em diante.

Donahue e Robinson consideram a decisão que o pastor líder terá que tomar de suma importância, pois todas as diretrizes e ações serão tomadas com base na direção pastoral, caso contrário, encontrarão muitos obstáculos pelo caminho, pois é necessário que toda a estrutura eclesial se alinhe às novas fases que a igreja irá enfrentar. E a respeito disso alertam: A mudança para “igreja de grupos” não

⁸² PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p. 60.

* Grifo nosso.

⁸³ **CEO** é a sigla inglesa de **Chief Executive Officer**, que significa **Diretor Executivo** em Português. CEO é a pessoa com **maior autoridade na hierarquia** operacional de uma organização <<http://www.significados.com.br/ceo/>> acesso em 10/10/2014.

⁸⁴ NEIGHBOUR, 2009, p.245.

definida com clareza pode facilmente resultar em feridas nos relacionamentos, obreiros desiludidos e desistência de voluntários.⁸⁵

A decisão do pastor líder irá determinar o caminho que a igreja irá seguir em favor dos PGs. Pesquisas apontam que uma das marcas de uma igreja saudável é a liderança capacitadora. Considerando que os pequenos grupos, com base na mutualidade e no sacerdócio universal podem refletir a saúde da igreja, entende-se que a transição para uma igreja em pequenos grupos saudáveis exigirá de o pastor líder a capacidade de relacionar-se com as pessoas. Neste sentido Schwarz, comprova em sua pesquisa:

...embora os pastores de igrejas que crescem não sejam mestres em relacionamentos com as pessoas, o fato é que, na média, o seu estilo de liderança é pelo menos um pouco mais orientado para relacionamentos, um pouco mais preocupado com pessoas, um pouco mais direcionado para o trabalho em parceria do que o estilo de seus colegas de igrejas que estão em decréscimo.⁸⁶

Na dinâmica de uma igreja em células, baseada em PGs e estes em relacionamentos, não se admite uma liderança autoritária, pois sem dúvida irá conflitar com o novo estilo de ser igreja a ser experimentado pelos membros. Pois uma das principais finalidades da liderança é a condução dos membros à maturidade. Se o pastor líder não reconhece essas habilidades e competências que deverão fundamentar seu ministério em PGs, possivelmente seus líderes também refletirão o que este não conseguir desenvolver.

Ainda quanto a atuação do pastor líder, este, para o autor acima, terá que desenvolver a capacidade de delegação de tarefas e atribuições que outrora só eram feitas por ele. Acerca disso Schwarz diz:

Líderes que veem sua capacitação como instrumento para capacitar outros cristãos e levá-los à maioria espiritual, descobrem como esse aspecto leva “por si mesmo” ao crescimento. Em vez de fazer a maior parte do trabalho eles mesmos, esses líderes investem grande parte do seu tempo em discipulado, delegação e multiplicação.⁸⁷

⁸⁵ DONAHUE; ROBISON, 2003, p. 232/33.

⁸⁶ SCHWARZ, 2010, p. 26.

⁸⁷ Idem, p.27.

Pelas novas demandas exigidas do pastor líder, em virtude da transição para uma igreja em células, é que se exigirá ainda mais do próprio pastor líder e seus auxiliares uma compreensão correta de vida em comunidade, bem como a capacidade de planejamento e renúncia da equipe. A Bíblia retrata este princípio no contexto em que Cristo explica aos seus discípulos sobre a abnegação em favor da do discipulado:

Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz. Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo.⁸⁸

O trecho acima reflete muito bem a necessidade de planejamento e de conhecimento acerca de quanto os seus discípulos estão dispostos a empreender seus esforços numa via onde as pessoas podem compartilhar honestamente suas vidas, trabalhar com seus problemas e serem verdadeiras juntas. E isso irá demandar treinamento, tempo e muita dedicação. Aliás, uma das funções centrais do pastor titular e de sua equipe pastoral será, a partir de então, capacitar líderes por meio de treinamentos específicos a fim de garantir a qualidade em todo o processo.

Outro aspecto tão importante quanto o anterior ao se estabelecer os alicerces para uma igreja em células, trata-se da visão que será definida pela liderança. Na pesquisa bibliográfica, de forma unânime, defende-se a necessidade de se ter uma visão clara de onde se quer chegar ao estabelecer os PGs como uma nova forma comunitária de ser igreja.⁸⁹ Esta definição de visão norteará as novas diretrizes da igreja em favor dos pequenos grupos. Isso evitará que pequenos “feudos” apareçam, comprometendo a compreensão de PGs saudáveis. A ausência de visão clara, principalmente entre os pastores e futuros líderes de uma igreja em células, poderá

⁸⁸ Lucas 14.28-33.

⁸⁹ KIVTIZ, 2004, p.54/56.

dificultar a compreensão de pequenos grupos de forma integral aos membros da igreja. Neste sentido, Piragine Júnior, enfatiza:

A visão é o futuro desejado que antevemos pela fé. Os valores são alicerces sobre os quais edificaremos o futuro. O contexto é o solo onde os alicerces serão fincados. [] No processo e contextualização...construiremos uma realidade desejável e analisamos com cuidado o solo que Deus nos deu, para então aprofundar os valores. Com certeza, descobriremos que o solo cultural de uma congregação não é uniforme. Alguns valores serão facilmente assimilados, outros demandarão mais tempo e trabalho para serem fincados, de forma que suportem o peso de uma nova edificação.⁹⁰

Assim, não basta apenas estabelecer a visão, também será necessário estabelecer os valores dessa visão e sua aplicação dependerá da contextualização destes valores, que é o reconhecimento do solo onde esses valores serão fincados, pois a visão, como bem defende o autor acima, não é assimilada por meio de programas eclesiais, e sim por meio de transferência de forma permanente de vida e fé.

Ainda acerca da importância da visão, agregasse a esta a missão e valores a serem estabelecidos para a igreja, Gladen, em sua experiência na Igreja Saddleback; destaca abaixo:

Nossa visão é a razão de estarmos aqui: ver todas as pessoas do centro de nossa igreja à comunidade em constante crescimento, conectadas em um pequeno grupo saudável. Nossa missão é o que fazemos: ajudar os que buscam a se transformarem em crentes que vivam vidas com propósitos e motivem outros a fazer o mesmo...[] Elas devem mantê-lo concentrado; elas são a bússola que lhe mostra o verdadeiro norte.⁹¹

No caso da AD Pedreira sugere-se a elaboração de uma visão integral para uma igreja em pequenos grupos, e que esta visão se torne conhecida de toda a congregação de forma contínua, a fim de gerar uma mudança de mentalidade dentro da igreja. Assim, evitará que se tenha uma compreensão limitada de PGs como constatado na pesquisa de campo. Desta forma seria de extrema importância que se estabeleça uma força tarefa em forma de ministrações, utilizando-se de todos os meios de comunicação que a igreja dispõe, para que esta tenha uma melhor percepção do valor da vida em comunidade nos PGs.

⁹⁰ PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p. 70.

⁹¹ GLADEN, 2012, p. 36.

De posse da visão da igreja, segue como alicerce para uma igreja em PGs, a ênfase dos princípios que norteiam a vida em comunidade. A fim de que a igreja compreenda que o cristianismo é relacional, e que viver em comunidade é algo necessário para cada cristão, onde este aprenderá a servir e ser servido, amar e ser amado, a celebrar e ser celebrado. No entanto, não se deve limitar a ênfase dos princípios apenas na fase de início, e sim em toda a implantação até a consolidação da visão.

Outro aspecto a ser abordado refere-se à estrutura de treinamento. O sucesso dos pequenos grupos dependerá em grande escala da qualidade dos seus líderes, por isso é necessário criar uma estrutura de treinamento de liderança capaz de sustentar os PGs. A ideia para os pequenos grupos é que cada membro destes, exerça o seu sacerdócio e pastoreio mútuo, mas para isso torna-se imprescindível também no início do processo que se crie uma cultura de liderança expondo claramente as expectativas da igreja em relação aos seus líderes.⁹²

É claro que, somente uma boa estrutura de treinamento não é garantia de líderes fortes, pois é indispensável também o discipulado contínuo do líder na busca de seu amadurecimento espiritual, por meio das práticas das disciplinas espirituais, como a intimidade com Deus, meditação nas Escrituras, vida de oração, etc.

É bem verdade que encontrar homens e mulheres dispostos a liderar um PG não é nada fácil, nisso todos os autores concordam e a pesquisa constatou. No entanto, todos os autores consideram que a procura não deve estar em líderes prontos e sim no desenvolvimento desses líderes. Para isso, consideram que é de fundamental importância o apoio da liderança da igreja em prover ferramentas aos líderes que possam colaborar para o amadurecimento desses no processo de treinamento. Gladen enfatiza tal importância abaixo:

Cada vez mais me convenço de que o sucesso de longo prazo dos líderes é determinado pelo apoio e pelos recursos que recebem.[] ...procuramos por líderes de pequenos grupos que cuidem de pessoas de forma natural e começamos a treiná-los para papéis de liderança mais abrangentes.⁹³

⁹² DONAHUE; ROBISON, 2003, p. 270.

⁹³ Idem. p. 38/39.

Em relação a AD Pedreira, um fato observado no capítulo anterior é que tanto pastores quanto líderes desconhecem ou consideram insatisfatório o período de treinamento pré-implantação dos PGs, e isto aponta para uma necessidade urgente de se adaptar ou reinterpretar a compreensão da proposta de igreja em PGs, a fim de que todos tenham uma definição clara do que seja uma igreja em pequenos grupos, não só pela definição de que PGs é a espinha dorsal da igreja, e sim o esclarecimento quanto aos princípios que os norteiam. Possivelmente, a ausência desta compreensão por parte dos pastores e líderes fez com que muitos membros não se envolvessem ou até mesmo não deram a devida importância aos PGs.

Ainda quanto à estrutura de treinamento como um dos alicerces de uma igreja em PGs, é necessário que o pastor líder e sua equipe tenham um período de pesquisa e avaliação dos métodos que outras igrejas utilizam, mas reconhecendo que estes devem ser contextualizados à igreja local, pois nem tudo que dá certo numa igreja é certeza de dar certo em outra. Por isso, faz-se necessário a elaboração de um material didático onde estarão impressos a visão, princípios da vida em comunidade e o método ou estratégias adotadas pela igreja, com seus respectivos autores para o conhecimento dos líderes de PGs da igreja. Acerca da escolha do modelo e/ou estratégia, Robinson enfatiza:

Embora a Willow Creek adote o modelo de metagreja, de Carl George, para o crescimento de grupos, outras igrejas baseiam sua infraestrutura de grupos pequenos no modelo de igreja em células, definida em parte por Ralph Neighbour, ou em modelos mais recentes, como G-12 ou células em organização central. O método escolhido vai depender do seu contexto, de sua liderança, seu povo, sua história e de outros aspectos da igreja.

A ideia é que a o método escolhido também dará suporte à elaboração do material didático para o treinamento de líderes. Por isso a importância da escolha baseada em princípios considerando a estrutura e a capacidade da igreja local de absorvê-las.

Na análise dos dados da pesquisa, observou-se que alguns pastores e líderes na AD Pedreira por iniciativa própria ou em alguns casos com a ajuda da liderança da igreja, foram em busca de treinamento para uma melhor compreensão do sistema em pequenos grupos, participando de congressos e conferências a fim de

implantarem na igreja o conhecimento adquirido. No entanto, constatou-se que por um determinado tempo a igreja, já com os pequenos grupos em funcionamento, não tinha um material didático que atendesse por completo a necessidade de treinamento dos líderes de forma mais sólida e sistemática. Possivelmente isso fez com que muitas estratégias fossem adotadas pela igreja, ficando uma carência acerca dos princípios fundamentais e estruturais para a vida em pequenos grupos.

Diante disso, faz-se necessário uma reavaliação, de acordo com a visão estabelecida pela AD Pedreira e nos autores pesquisados, dos materiais de treinamento proposto pelo CTEC, já que este passou a ser adotado pela igreja a partir de 2011, a fim de repassar a todos os membros, independente da função que exerçam na igreja, a proposta e o *modus operandi* dos pequenos grupos, que é viver em comunidade com base em relacionamentos saudáveis.

Desta forma, se evitará que os membros de uma igreja tenham uma visão reducionista de PGs, considerando-os apenas como uma estratégia que potencializa o evangelismo. Neste aspecto, e em defesa do crescimento integral da igreja, Piragine Júnior, afirma: “Se dissermos que evangelizar é nossa missão, logo nos perguntamos se adorar também não é”. Este ainda cita os missiólogos Edward R. Dayton e David A. Fraser:

A igreja recebeu inúmeras ordens e modelos que revelam o que ela deve ser e fazer. Não é difícil catalogar um grande número de ordens específicas dadas aos cristãos e a suas igrejas, ordens para se dedicar ao cuidado e orientação das pessoas, ao testemunho, à adoração, ao estudo e à contribuição. Todos esses ministérios foram iniciados com entusiasmo pelos cristãos primitivos, quando eles começaram a se sentir como parte do movimento do Espírito de Deus. De alguma maneira, no meio de todas essas palavras e imagens, a Igreja moderna deve procurar sua identidade pessoal e sua dinâmica para executar seu trabalho no século vinte. Pense em todas as metáforas e imagens encontradas no Novo Testamento que revelam a natureza e a missão da Igreja: luz, sal, fermento, uma coluna sustentando a verdade, um embaixador de Deus, um semeador, um templo de adoração, um servo carregando uma cruz. A lista é interminável.

* Existem tantas coisas importantes e necessárias que a igreja deve ser e fazer que o eixo ao redor do qual todas elas giram pode ser perdido caso um aspecto ou detalhe seja tratado à parte dos demais*.⁹⁴

Se viver em pequenos grupos é ser igreja no sentido de povo de Deus, e se a igreja em sua missão não pode ser reduzida apenas ao aspecto do evangelismo,

* Grifo nosso.

⁹⁴ Missões transculturais: uma perspectiva estratégica, p.673-4 *apud* PIRAGINE Jr., 2006, p. 76/7.

assim também os pequenos grupos, não podem ser interpretados como propósito principal de sua existência a evangelização.

Na perspectiva de que os pequenos grupos já se mostraram como um movimento que veio para ficar em resgate da essência vivida na igreja primitiva e que muitos resistem a fazer parte de um PG, é que Gladen, então sugere a concentração de esforços nos benefícios que a vida em grupo oferece, conforme citação abaixo:

1. Você se sentirá mais conectado à igreja, às pessoas e a Deus.
2. Você gastará mais tempo na Bíblia e a entenderá melhor.
3. Você receberá o apoio de outros crentes.
4. Um pequeno grupo é um excelente lugar para descobrir e desenvolver seus dons.
5. Você crescerá em maturidade espiritual.⁹⁵

Vale destacar que de todos os aspectos que foram citados nesta fase inicial, é de salutar importância referir-se à oração, pois reconhecendo que a igreja depende da direção de Deus para suas ações, todos os autores defendem que o princípio da oração deve conduzir todas as ações de uma igreja em células e tudo o mais que esta colocará em prática.

Nesse sentido, Piragine destaca:

Imaginamos que, se construirmos fortes estruturas eclesiais, trabalharmos com firmeza e identidade doutrinária e se aplicarmos a metodologia correta, podemos chegar a qualquer lugar. Essa é a máxima da tecnologia do mundo moderno, mas, quando olhamos para o mundo espiritual, descobrimos que, sem o poder e a graça do Cristo ressuscitado em nosso meio, deixamos de ser igreja na acepção plena da palavra. Felizmente, não falta poder no Reino de Deus. O mesmo poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos é nosso! Tudo o que precisamos é ficar unidos com ele. Repetidas vezes nos Evangelhos e no livro de Atos, as Escrituras sagradas revelam que a presença miraculosa de Deus e seu poder são revelados quando oramos.⁹⁶

Enfim, mas não se esgotando, outro alicerce fundamental nesta fase inicial é que se exigirá da igreja em PGs estabelecer um ministério forte de oração, pois tudo o que a igreja planejar ou até mesmo fazer deve ser regado pelas orações de seus

⁹⁵ GLADEN, 2012, p. 221-22.

⁹⁶ PIRAGINE JÚNIOR, 2006, p 149.

pastores, líderes e membros e sem dúvida isso possibilitará um maior envolvimento de todos os membros nos arranjos depreendidos em favor dos PGs.

4.2 MANTENDO A SAÚDE DA IGREJA EM PEQUENOS GRUPOS

Partindo do pressuposto que a igreja “preparou o terreno” para a nova vida em comunidade a qual irá experimentar, inicia-se então a preparação para a manutenção desses PGs na vida da igreja, a partir da criação de grupos pilotos e de uma escada que o novo convertido terá que trilhar ao ingressar na igreja. Ainda nesta fase será necessário o alinhamento entre os ministérios existentes na igreja frente aos PGs, bem como a formatação de um sistema avaliativo, e a capacitação e estrutura para os supervisores.

Vários autores defendem que se deve começar os PGs, com grupos pilotos, estes devem ser estruturados com a participação do pastor e outros que tenham um coração de servo e disposição para a liderança. Nesta fase serão avaliados e colocados em prática os métodos apresentados no treinamento pré-implantação a fim de rever possíveis incorreções no sistema.⁹⁷

Destaca-se ainda a necessidade de se ter um caminho a seguir a partir da conversão de um novo membro na igreja, pois a ideia sempre é conduzir o novo convertido ao amadurecimento. No caso da AD Pedreira constata-se que o novo convertido ingressa no CTEC, onde seguirá os módulos até se tornar um novo líder de célula.

Entretanto, considerando que uma das marcas de qualidade de uma igreja saudável, segundo Schwarz⁹⁸, é o ministério orientado pelos dons, e que para Neighbour Júnior⁹⁹ as unidades básicas do corpo de Cristo criam oportunidades para os membros desenvolverem os seus dons, entende-se que nem todos exercerão a liderança de célula, mas é o caminho que levará ao envolvimento do novo membro a alguma atividade na igreja para exercer e desenvolver o seu sacerdócio e pastoreio

⁹⁷ DONAHUE; ROBISON, 2003, p. 42/43.

⁹⁸ SCHWARZ, 2010, p. 26.

⁹⁹ NEIGHBOUR, 2009, p. 248.

conduzindo-o à maturidade. Aliás, uma das funções dos PGs é que se descubra e se desenvolvam os dons e talentos de seus membros.

Outro aspecto a ser observado nesta fase de consolidação é a necessidade de se alinhar os PGs aos demais ministérios na igreja. Tudo o que se faça pensando em PGs deve-se considerar a existência dos outros ministérios dentro da igreja, para que não haja concorrência e sim cumplicidade entre estes. Sobre esse alinhamento, Gladen destaca em sua experiência de campanhas¹⁰⁰ na Igreja Saddleback:

Alinhe os ministérios infantil, estudantil e adulto: Muitas igrejas que fazem campanha perdem a oportunidade de se alinhar porque as fazem apenas para adultos. Quando suas crianças e seus adolescentes decoram a mesma Escritura, leem temas semelhantes, fazem projetos juntos e escutam à mesma mensagem no final de semana, todos ficam sintonizados. As discussões fluem naturalmente entre pais e filhos e filhos e pais. Sem o alinhamento de toda a igreja, você, sem querer, envia a mensagem que somente os adultos da igreja são importantes¹⁰¹.

Uma consolidação de sucesso dependerá do alinhamento entres os ministérios que já existiam na igreja antes da implantação dos PGs, como por exemplo, a Escola Bíblia Dominical - EBD. A ideia é que funcionem como sistemas retroalimentadores, ou seja, a EBD, através de seu *curriculum* e professores incentivem a vida em pequenos grupos, e estes incentivem os membros a uma maior profundidade nos estudos das escrituras que a EBD proporciona.

Na pesquisa de campo na AD Pedreira foi observado como desvantagem para os PGs a falta que os membros sentem em encaminhar novos convertidos à EBD. Gladen apresenta alguns argumentos sobre o assunto:

À medida que mais e mais igrejas substituem a escola dominical pelos pequenos grupos, a noção comum é a de que a escola dominical é um sistema ao qual as igrejas tradicionais se apegam, enquanto as mais modernas e progressistas tendem aos pequenos grupos. A verdade, no entanto, não é tão simples ou clara. Ambos os sistemas têm suas vantagens e desvantagens. Mais importante que o sistema usado é o resultado que se deseja: crescimento espiritual e saúde. Pequenos grupos e escola dominical não têm de ser oponentes. Eles podem trabalhar juntos se estiverem no alvo de produzir um discípulo de Cristo.¹⁰²

¹⁰⁰ Uma campanha é um foco intenso e que envolve toda a igreja sobre um aspecto particular do crescimento espiritual, que envolve todas as faixas etárias e grupos.

¹⁰¹ GLADEN, 2012, p. 36.

¹⁰² Ibid, p. 206 e 209.

No caso da AD Pedreira, por ser do conhecimento da pesquisadora a estrutura e frequentadores da EBD, é que se sugere uma capacitação dos professores a fim de formá-los na visão de pequenos grupos, para que os membros que na sua maioria são idosos e não frequentam os pequenos grupos, participem mais efetivamente da vida cristã numa pequena comunidade. Desta forma, a igreja caminhará para um crescimento integral, onde todos terão espaço no processo de crescimento. Idosos e crianças, conforme constatado na pesquisa, respeitando suas peculiaridades cognitivas, devem fazer parte da estrutura de células projetadas para a igreja.

Considerando que a multiplicação constante de PGs leva ao crescimento da igreja¹⁰³, outro aspecto necessário nesta fase é a formatação de um sistema de avaliação efetivo que possa mensurar índices qualitativos e não apenas quantitativos em vista da saúde da igreja, pois isto contribuirá para um melhor acompanhamento da movimentação dos PGs, bem como fornecerá informações para a tomada de decisões do pastor líder.

Pesquisas apontam que nem sempre igrejas grandes apresentam índices de qualidade que identifiquem a saúde da igreja. Neste sentido, Schwarz comprovou em suas pesquisas que a taxa de crescimento da igreja diminui na medida em que esta se torna maior, e que em relação aos fatores que identificam a qualidade da igreja, também as igrejas “grandes” estão em desvantagens em relação às igrejas “pequenas”, conforme análise das pesquisas citadas abaixo:

...igrejas na menor categoria (0-51 participantes nos cultos) alcança em média, 32 pessoas nos últimos cinco anos; igrejas com o número de participantes no culto entre 100-200 ganharam também, 32 pessoas; igrejas com o número de participantes entre 200-300 ganharam 39 pessoas e igrejas com o número de participantes entre 300-400 ganharam 25 pessoas para Jesus.

Em praticamente todos os fatores de qualidade relevantes as igrejas grandes estão em situação pior do que as igrejas pequenas. Cito dois exemplos: “em mini-igrejas” (portanto menos de 100 participantes) em torno de 31% dos participantes têm alguma atividade ou tarefa na igreja correspondente aos seus dons, segundo informações do pastor. Nas megaigrejas esse valor está em apenas 17%. Em “mini-igrejas” 46% dos participantes estão engajados em grupos pequenos. Nas megaigrejas são apenas 12%.¹⁰⁴

¹⁰³ SCHWARZ, 2010, p. 34.

¹⁰⁴ Idem, p. 49/50.

Assim, uma igreja que cresce de forma saudável precisa não somente dos dados quantitativos, como também e principalmente estabelecer índices que evidenciem a qualidade do crescimento, onde possa ser evidenciado principalmente o envolvimento dos membros em alguma atividade na igreja.

No caso da AD Pedreira, nota-se a ausência tanto da percepção sobre a necessidade de avaliação do sistema de pequenos grupos por parte de seus pastores e líderes, bem como a falta de critérios e índices quantitativo-qualitativos que apontem à saúde da igreja. Por isso, faz-se necessária a criação de métodos avaliativos a fim de mensurar os resultados em face da visão estabelecida pela igreja.

Outro ponto a ser considerado acerca da consolidação de uma igreja em pequenos grupos, é a criação de um sistema de capacitação contínua de treinamento não só para líderes de células, como também para os supervisores de células, pois com o aumento dos PGs será exigido dos supervisores¹⁰⁵ maiores responsabilidades, habilidades e competências. No caso da AD Pedreira o CTEC, tem atendido aos líderes de células, porém no que tange ao treinamento para os supervisores de célula seria necessário, uma capacitação diferenciada considerando as novas demandas frente à multiplicação de novos líderes.

Uma igreja em pequenos grupos precisa estabelecer critérios para formar um líder, supervisor, coordenador e pastor sempre com base no serviço. Esta definição será necessária na medida em que todos os PGs vão se multiplicando e supervisores irão surgir para atender esta demanda, e que provavelmente estes poderão chegar a coordenadores e possivelmente pastores. Estabelecendo esta escada de liderança, evitar-se-á conflitos entre lideranças já existentes antes da implantação dos PGs com lideranças que surgirão com a consolidação dos PGs.

Sobre este assunto, pelo conhecimento do pesquisador da estrutura de liderança da AD Pedreira, é que demandará do pastor líder a criação de parâmetros ou critérios que serão necessários para membros assumirem cargos dentro da

¹⁰⁵ Supervisionam os pequenos grupos existentes e seus respectivos líderes.

igreja, neste caso específico para o cargo de pastor, se será exigido deste apenas a capacitação teológica e/ou a vivência em PGs, bem como o que será exigido dos pastores que já exerciam o ministério antes da implantação dos PGs, para que haja uma harmonia na estrutura de liderança da igreja.

Passando pela fase inicial e de consolidação, no planejamento para a transição para uma igreja em células é necessário considerar a expansão que virá em decorrência do aumento do número de PGs e conseqüentemente de seus membros. Portanto, a fase de consolidação é o momento de a igreja analisar seus erros e acertos a fim de corrigi-los para se evitar que estes se prolonguem para a fase de expansão.

4.3 UM OLHAR PARA O FUTURO

A expansão deve ser considerada desde o início do processo, pois deve ser vislumbrada pelo pastor líder como algo a ser enfrentado frente às novas mudanças oriundas da implantação e consolidação do PGs.

Com a nova dinâmica da vida em comunidade começarão a surgir algumas demandas considerando o crescimento da igreja. Um dos fatores que deve ser priorizado é a manutenção dos princípios que norteiam esta vida em comunidade, ou seja, preservar aquilo que motivou a igreja local a decidir pelos PGs como forma de resgatar essa maneira de ser *ekklesia* nos lares, onde a centralidade é Cristo. Neste sentido, a igreja em células deve sempre em suas ações manter o DNA do PG, conforme Robert Lay¹⁰⁶ apresenta em seus treinamentos o quadro a seguir:

¹⁰⁶ <http://www.celulas.com.br/ferramentas.php>



A ilustração acima reflete o DNA da célula, onde o centro é Cristo, e se um dos elementos que compõem as funções ou o sistema de força da célula ocupar a centralidade que deve ser de Cristo, não será uma célula saudável. O autor ainda considera que a célula já possui as ferramentas necessárias para a sua saúde e expansão, ou seja, aquilo que Deus já disponibilizou, como: os dons, a oração e a Palavra. Nesta perspectiva, o que deve ocorrer para a expansão da igreja em células é o equilíbrio entre os elementos que Robert Lay considera como funções da célula: santificação, evangelismo, discipulado, comunhão, estudo bíblico, batalha e ministério.

Caso a igreja em suas ações não preserve os princípios da vida em comunidade, correrá o risco de ir na mesma direção da igreja primitiva após o primeiro século ao priorizar mais a vivência nos templos do que o ser *ekklesia* nos lares, para que se evite isso a igreja precisa criar e manter essa consciência constantemente.

Na expansão, será necessária ainda a ênfase na identificação de novas lideranças, bem como sua preparação e delegação de atividades a fim de que se mantenha a qualidade e eficiência dos líderes de PGs para que não comprometa o crescimento, onde mesmo com o aumento do número de PGs não cairá a qualidade dos grupos saudáveis.

Outro aspecto a ser observado é a infraestrutura da igreja, como salas, estacionamento, etc. Uma análise acerca do crescimento do número dos que frequentam os cultos antes e depois da implantação dos PGs, irá fornecer

informações ao pastor líder que o levarão a decidir por novos investimentos nas instalações da igreja a fim de atender a demanda da comunidade em crescimento.

Longo é o caminho para a mudança de uma igreja *com* pequenos grupos para igreja *de* pequenos grupos, muitos obstáculos serão ultrapassados e isso exigirá tempo, oração e muita graça, mas considerando que a vida em comunidade é algo que Deus sonhou para a sua Igreja, então estruturar a igreja local para uma igreja que prioriza a vida na comunidade cristã, valerá todo o esforço empreendido.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste último capítulo são apresentados os resultados e reflexões obtidos com a pesquisa, que sem dúvida nenhuma, contribuíram para uma melhor compreensão da temática tão polêmica dentro da comunidade evangélica, defendida por uns, mas rejeitadas por outros.

Com o estudo foi possível compreender a “necessidade e urgência” em apresentar a mensagem de salvação para cumprir Mateus 28.19 – “(...) *façam discípulos de todas as nações (...)*”. Necessidade por assimilar que parte do princípio criador de Deus, que o homem foi formado para viver em comunidade com os seus semelhantes e assim refletir a glória e o caráter de Deus. E urgência, pelo fato de que atualmente com o avanço da tecnologia, a humanidade tem perdido o valor dos relacionamentos pessoais e a intimidade relacional. Portanto, a pesquisa possibilitou o entendimento de que os PGs resgatam a autêntica comunidade espiritual com Cristo e com os outros como um retorno a essência da Igreja Primitiva.

A pesquisa ainda possibilitou uma melhor assimilação da igreja como corpo vivo de Cristo e ao mesmo tempo como uma instituição organizada, a qual deve sempre buscar aproximar-se da igreja do Novo Testamento. Sua atuação deve ser pautada com base em relacionamentos saudáveis, primeiramente com Deus e uns com os outros. Assim, a *ekklesia*, onde Cristo habita, vive o cristianismo como estilo de vida e não apenas como uma religião. A igreja saudável é aquela que manifesta a glória do caráter de Deus, e mantém em todas as suas ações a centralidade de Cristo tornando-o visível a sociedade.

Inicialmente, tentou-se elaborar a temática da pesquisa com base nas experiências vividas pela pesquisadora, considerando apenas a finalidade dos PGs como estratégia de evangelismo. Entretanto, avançando nos estudos deste trabalho verificou-se que o propósito e abrangência dos PGs vão além de um arranjo evangelístico, o que a levou a rever a própria temática a ser pesquisada.

Nesta perspectiva, o estudo teve como principal proposta analisar os pequenos grupos como um sistema que incentiva e favorece a saúde da igreja,

comparando seus princípios com o modelo desenvolvido na Igreja Assembleia de Deus da Pedreira. A partir da análise dos dados fornecidos pelos pastores, líderes e membros foi possível, primeiramente, constatar a louvável iniciativa e coragem em implantar os PGs na estrutura da Igreja, ainda que com pouco conhecimento no que deseja empreender, porém mesmo com esta lacuna a igreja tem empreendido esforços através de uma melhor estrutura de treinamento a fim de sanar as falhas que foram omitidas desde a implantação até o momento atual. Ainda assim, a AD Pedreira, mantém uma posição de destaque entre as demais congregações da Assembleia de Deus em Belém.

Ademais, das problemáticas levantadas neste estudo observou-se que os PGs, desde que implantados com base em princípios bíblicos, favorecem o amadurecimento dos membros, uma vez que uma das funções dos PGs é desenvolver o sacerdócio e pastoreio mútuo de cada crente. Assim, permanecerão na igreja como instrumentos da graça divina, não apenas como frequentadores, mas sendo a própria *ekklesia* de Cristo.

As questões norteadoras da pesquisa foram pautadas nas experiências da pesquisadora como líder de célula e membro da AD Pedreira, levando-a a inquirir se havia um distanciamento entre a teoria e a prática, lá utilizadas. Contudo, pode-se concluir no estudo de caso que sim, pois isto ocorreu em virtude da falta de uma melhor compreensão dos líderes e membros acerca da proposta, porém a igreja tem buscado diminuir a distância entre a teoria e a prática com ações que visam resgatar estes alicerces valorizando o crescimento em qualidade de seus membros.

Sugere-se que a temática seja motivo de futuras pesquisas, ainda que com outros enfoques correlatos, considerando a necessidade de fortalecer as discussões na academia, para que futuros graduados em teologia ou até mesmo especialistas estejam preparados para enfrentar as novas demandas das igrejas que avançam com os alicerces e engrenagens em PGs.

Um desafio para as igrejas em células, algo também observado no estudo de caso na AD Pedreira, é a dificuldade em fazer com que os membros que frequentam apenas os PGs participem também da grande celebração da Igreja.

Ocorre que, se considerarmos que a igreja neo-testamentária é aquela que não depende dos templos para sua existência, então este será o desafio que a igreja em células terá que conciliar ou terá que incluir em sua metodologia de PGs as suas liturgias que acontecem somente no grande ajuntamento.

É válido ainda considerar como sugestão para as futuras discussões em volta da temática, quer seja pela dificuldade apontada acima ou até por fatores externos que culminem por imposição legal a permanência dos templos atuais como instituição organizada, e assim não deixar outra alternativa para a *ekklesia* de Cristo, a não ser através dos PGs.

Os Pequenos Grupos são, portanto, um instrumento que viabiliza a saúde da igreja, desde que suas bases estejam fincadas na centralidade de Cristo e seus ensinamentos, e como consequência disto produz o crescimento integral para igrejas deste e dos próximos séculos.

Por fim, ressalta-se a importância de se estudar os PGs com riqueza de detalhes, antes de a igreja adotá-los como estrutura eclesial, para que não corra o risco de reduzi-los a apenas uma ferramenta de evangelismo, e em decorrência disto não experimentar a dinâmica e o equilíbrio entre os elementos que compõem o sistema em células: pastoreio mútuo, comunhão, mutualidade, multiplicação de liderança, evangelização e discipulado, ou seja, das delícias da vida cristã em comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Gedimar. KORNFIELD, David. **Implantando grupos familiares**: manual para líderes. Arapongas, PR: Aleluia, 2013.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. Traduzida pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblia Internacional. São Paulo: Editora Geográfica, 1993, 2000.

BÍBLIA DE ESTUDO PALAVRAS-CHAVE Hebraico e Grego. Almeida Revista e Corrigida, 4ª ed., Sociedade Bíblia do Brasil, 2009.

Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento. São Paulo. 2ª ed. Vida Nova, 2008.

BERTUCCI, Janete Lara de Oliveira. **Metodologia básica para elaboração de trabalhos de conclusão de cursos**: ênfase na elaboração de TCC de pós-graduação lato sensu. São Paulo: Atlas, 2008.

BECKHAM, Willian A. **A segunda reforma**: a igreja do novo testamento no século XXI. Tradução Haroldo Janzen. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2007.

CHIZZOTTI, A. Metodologia do ensino superior: o ensino com pesquisa. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (Orgs.). **Temas e Textos em metodologia do Ensino Superior**. Campinas: Ed. Papyrus, 2001.

CHO, Paul Yonggi. **50 anos de esperança**: o milagre da igreja em células. Tradução: Tatiane Souza; Prefácio: Mário Veja. São Paulo: Editora Vida, 2008.

COMISKEY, Joel. **Crescimento explosivo da igreja em células**: levando seu grupo a crescer e multiplicar. 3ª ed. Curitiba: Ministério em Células, 2008.

_____. **Paixão e persistência**: como uma igreja apaixonada por Jesus e persistência no trabalho evangelístico conseguiu impactar uma cidade. Tradução: Ingrid Neufeld de Lima. 1ª ed. Curitiba: Ministério em Células, 2009.

_____. **Mitos e verdades da igreja em células**: princípios-chave para a edificação do ministério de células. Tradução: Betina Penner Andrade. Curitiba: Ministério em Células, 2012.

DEVER, Mark. **O que é uma igreja saudável?** São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2009.

DONAHUE, Bill; ROBINSON, Russ. **Edificando uma igreja de grupos pequenos**; tradução Valdemar Kroper. São Paulo: Editora Vida, 2003.

FREITAS, Adriano. **Vidas Transformadas** – Manual do Encontro para Jovens e Adultos. Belo Horizonte - MG: Editora Presença, 2013.

GLADEN, Steve. **Pequenos grupos com propósito**: como criar comunidades saudáveis. Brasília, DF: Palavra, 2012.

KIVITZ, Ed René. **Quebrando paradigmas**. 5. ed. São Paulo, SP: Abba Press Editora e Divulgadora Cultural, 2004.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A.. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 5 ed. revisada e ampliada. São Paulo: Atlas, 2001.

NEIGHBOUR, Ralph Webster. **Unidades básicas do corpo de Cristo**: vivendo a presença, o poder e os propósitos de Deus em comunidades bíblicas. Tradução: Valdemar Kroker. 1. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2009.

_____. **Manual do Líder de Célula**: fundamentação espiritual e prática para líderes de células. Tradução e adaptação: Lowel Kroker. 5. ed. Curitiba: Ministério Igreja em Células no Brasil, 2006.

NEE, Watchman. **O corpo de Cristo**: uma realidade. Tradução Francisco Nunes. 2. ed. São Paulo: Editora dos Clássicos, 2004.

PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. **Crescimento integral da igreja**: uma visão prática de crescimento em múltiplas dimensões. São Paulo, SP: Editora Vida, 2006.

WARREN, Rick. **Uma igreja com propósitos**. Tradução Carlos de Oliveira. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Editora Vida, 2008.

STEDMAN, Ray C. **Igreja corpo vivo de Cristo**. São Paulo-SP. Editora Mundo Cristão, 4ª Edição, 1994.

SCHWARZ, Christian A. **O desenvolvimento natural da igreja**: guia prático para as oito marcas de qualidade essenciais das igrejas saudáveis. 3. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2010.

APÊNDICE

APÊNDICE I. QUESTIONÁRIO PARA PASTORES E LÍDERES DA AD PEDREIRA

<p>1) Há quanto tempo você se converteu a Cristo? () até 3 anos () de 4 a 7 anos () de 8 a 10 anos () acima de 10 anos</p> <p>2) Qual a sua idade? _____</p>	<p>3) Sua conversão ocorreu através da(o): () Pregação na igreja () Evangelismo na rua () Na célula (...) Outros (<i>especificar</i>) _____</p> <p>4) Qual a sua ocupação na igreja? () Pastor () Líder de célula () Casa anfitriã () Membro</p>
5) Como você avalia a AD Pedreira antes da implantação dos Pequenos PGs?	
6) Qual o incentivo ou motivação para a implantação dos Pequenos Grupos na AD Pedreira?	
7) Qual a base teórica (autores) para a implantação dos PGs utilizados na AD Pedreira?	
8) De que forma o sistema em células foi repassado aos membros?	
9) A igreja recebeu algum apoio de outra igreja ou outra denominação que colaborou neste período inicial? Se sim, em que consistiu este apoio?	
10) Quais as principais barreiras encontradas na implantação dos Pequenos Grupos à época de sua inicialização, e hoje?	
11) Como se deu o período de estudo, pesquisa ou qualquer tipo de treinamento aos membros da igreja antes da implantação? Qual a situação de capacitação atual?	
12) Do início do processo até agora houve adaptações ou uma nova compreensão daquilo que foi implantado inicialmente? Se sim, como se deu?	
13) Qual a dinâmica ou estratégia adotadas para revisão do processo de implantação destes princípios e práticas?	
14) O método utilizado no sistema em células da AD Pedreira atende a todos os membros (da criança ao idoso) quanto à perspectiva na implantação? Se	

não, quais as lacunas a serem preenchidas?

15) Para você o que vem a ser uma igreja saudável? De acordo com esta perspectiva, quais as vantagens e desvantagens do sistema em célula em busca de uma igreja saudável?

APÊNDICE II. QUESTIONÁRIO PARA MEMBROS DA AD PEDREIRA

<p>1) Há quanto tempo você se converteu a Jesus? () até 3 anos () de 4 a 7 anos () de 8 a 10 anos () acima de 10 anos</p> <p>2) Qual a sua idade? _____</p>	<p>3) Sua conversão ocorreu através da (o): () Pregação na igreja () Evangelismo na rua () Na célula (...) Outros (<i>especificar</i>) _____</p> <p>4) Qual a sua ocupação na igreja? () Pastor () Líder de célula () Casa anfitriã () Membro</p>
5) O que você entende sobre o sistema em células?	
6) Em quais aspectos você e outros de sua família são (ou não) atendidos por meio do sistema em células na AD Pedreira?	
7) Você acha necessário alguma adaptação ou correção do sistema na igreja? Quais?	
8) No seu entendimento quais as principais vantagens e desvantagens trazidas pela visão em célula no contexto da AD Pedreira?	
9) Por que você apoia ou não o sistema em célula na igreja?	
10) Para você o que vem a ser uma igreja saudável?	